

Semana 95 - As Mensagens de Judas e João

Texto: Judas 1, IJoão 1 a 5, IIJoão 1 e IIIJoão 1

Estação 49

Judas 1

Versículos 1 a 25

1Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo:

2Misericórdia, paz e amor sejam multiplicados a vocês.

3Amados, embora estivesse muito ansioso para escrever a vocês acerca da salvação que compartilhamos, senti que era necessário escrever insistindo que batalhassem pela fé de uma vez por todas confiada aos santos.

4Pois certos homens, cuja condenação já estava sentenciada há muito tempo, infiltraram-se dissimuladamente no meio de vocês. Estes são ímpios, transformam a graça de nosso Deus em libertinagem e negam Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor.

5Embora vocês já tenham conhecimento de tudo isso, quero lembrá-los de que o Senhor libertou um povo do Egito mas, posteriormente, destruiu os que não creram.

6E, quanto aos anjos que não conservaram suas posições de autoridade mas abandonaram sua própria morada, ele os tem guardado em trevas, presos com correntes eternas para o juízo do grande Dia.

7De modo semelhante a esses, Sodoma e Gomorra e as cidades em redor se entregaram à imoralidade e a relações sexuais antinaturais. Estando sob o castigo do fogo eterno, elas servem de exemplo.

8Da mesma forma, esses sonhadores contaminam o próprio corpo, rejeitam as autoridades e difamam os seres celestiais.

9Contudo, nem mesmo o arcanjo Miguel, quando estava disputando com o Diabo acerca do corpo de Moisés, ousou fazer acusação injuriosa contra ele, mas disse: "O Senhor o repreenda!"

10Todavia, esses tais difamam tudo o que não entendem; e as coisas que entendem por instinto, como animais irracionais, nessas mesmas coisas se corrompem.

11Ai deles! Pois seguiram o caminho de Caim; buscando o lucro, caíram no erro de Balaão e foram destruídos na rebelião de Corá.

12Esses homens são rochas submersas nas festas de fraternidade que vocês fazem, comendo com vocês de maneira desonrosa. São pastores que só cuidam de si mesmos. São nuvens sem água, impelidas pelo vento; árvores de outono, sem frutos, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz.

13São ondas bravias do mar, espumando seus próprios atos vergonhosos; estrelas errantes, para as quais estão reservadas para sempre as mais densas trevas.

14Enoque, o sétimo a partir de Adão, profetizou acerca deles: "Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de seus santos,

15para julgar a todos e convencer todos os ímpios a respeito de todos os atos de impiedade que eles cometeram impiamente e acerca de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios falaram contra ele".

16Essas pessoas vivem se queixando, descontentes com a sua sorte, e seguem os seus próprios desejos impuros; são cheias de si e adulam os outros por interesse.

17 Todavia, amados, lembrem-se do que foi predito pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo.

18 Eles diziam a vocês: "Nos últimos tempos haverá zombadores que seguirão os seus próprios desejos ímpios".

19 Estes são os que causam divisões entre vocês, os quais seguem a tendência da sua própria alma e não têm o Espírito.

20 Edifiquem-se, porém, amados, na santíssima fé que vocês têm, orando no Espírito Santo.

21 Mantenham-se no amor de Deus, enquanto esperam que a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo os leve para a vida eterna.

22 Tenham compaixão daqueles que duvidam;

23 a outros, salvem, arrebatando-os do fogo; a outros, ainda, mostrem misericórdia com temor, odiando até a roupa contaminada pela carne.

24 Àquele que é poderoso para impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria,

25 ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém.

O autor desta carta se identifica claramente como sendo Judas, servo (escravo) de Jesus Cristo e irmão de Tiago. O Novo Testamento nos apresenta 5 personagens com esse nome:

- O Iscariotes obviamente não era;
- O apóstolo Judas (também conhecido como Tadeu) era filho de um Tiago, pelo que não deve ser este;
- Há um Judas em *Atos 9.11*, em casa de quem Paulo se hospedou após a sua conversão, mas a falta de referências que o ligue ao autor da carta em apreço torna este um candidato pouco provável;
- Ainda no livro de *Atos (Atos 15.22)*, aparece um Judas Barsabás, que foi enviado, juntamente com Silas, pelo próprio Tiago, para levar a Antioquia a carta que continha a decisão do Concílio sobre salvação realizado na Igreja de Jerusalém. A referência bíblica anterior ao irmão carnal de Jesus como simplesmente Judas (*Marcos 6.3*) faz com que este dificilmente seja o mesmo.

Finalmente, por exclusão, temos Judas, o irmão de Jesus. Ele é irmão de Tiago, José e Simão, além de ter irmãs, cujos nomes não são mencionados no texto sagrado. Cabe ressaltar aqui dois fatos importantes que mostram tratar-se de uma pessoa que mostra uma humildade totalmente coerente com sua conversão. Judas e seus irmãos Tiago, José e Simão não criam em Jesus, deixando isso claro em alguns textos dos Evangelhos.

Mesmo por ocasião da crucificação, não há registro dos irmãos de Jesus dando qualquer apoio a Maria, sua mãe. É lícito supor, portanto, que sua conversão se deu após a ressurreição de Jesus. Esta produziu, contudo, uma mudança tão radical nele e em seu irmão Tiago, que ambos iniciam suas cartas deixando de lado seu parentesco carnal com Jesus e fazendo referência a Ele apenas como Senhor de suas vidas.

Mesmo assim, para fins de fácil identificação, Judas poderia ter acrescentado uma sentença dizendo algo como "irmão de Jesus segundo a carne", mas preferiu não fazê-lo, limitando-se a se identificar como o irmão de Tiago.

Com relação à canonicidade desta carta, houve alguma dificuldade, não devido ao autor e, sim, por dúvidas com relação à autenticidade da obra. Algumas citações externas (Clemente de Roma, o Pastor de Hermas e Didaquê, por exemplo) levaram à sua inclusão no cânon Muratoriano e, mais tarde, sua aceitação por Tertuliano e Orígenes. O principal argumento interno é de que um falsificador dificilmente escolheria um nome tão pouco conhecido para fazer uma falsificação (/42/, pág. 577).

Com relação à data, fica claro, pela semelhança dos textos de *II Pedro* e *Judas*, que Pedro ou Judas tinham em mãos a carta do outro ao redigir a sua própria. Pedro foi crucificado por volta do ano 64d.C., pelo que Judas terá escrito antes disso, se Pedro tiver usado a carta de Judas, ou depois disso em caso contrário. Assim sendo, a data mais provável para Judas fica entre os anos 60 e 75d.C.

O contexto ou a motivação de Judas ao escrevê-la era o crescimento de uma célula herege no seio da Igreja local à qual Judas se dirige. A forma veemente pela qual ele alerta os irmãos deixa claro que eles haviam baixado a guarda e que novas ideias de cunho herético estavam sendo acolhidas como se compatíveis fossem com a doutrina dos apóstolos. Maiores detalhes serão vistos adiante.

Judas, irmão de Tiago se dirige no versículo 1 a um grupo de irmãos, que ele não identifica, mas que foram chamados por Deus, amados por Ele e guardados pelo Senhor Jesus Cristo. Não há dúvida aqui que Judas está falando que está escrevendo àqueles que são realmente convertidos, realmente salvos, mas a forma como ele os define é muito digna de ser comentada.

O salvo, como aquele que foi chamado por Deus, nos remete imediatamente para o texto paulino de *Romanos 8.28-31*: **E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?**

Não há dúvida de que Deus nos amou primeiro e que Ele, por sua pré-ciência sempre soube se responderíamos ou não ao amor dEle. Aqueles que O amaram

de volta foram predestinados e chamados para justificação pela graça e glorificação futura. Como podemos duvidar do amor de um Deus desses? Se Ele é por nós, guardando-nos em Jesus Cristo, quem pode ser contra nós?

É muito linda a forma como Judas traz tudo isso à memória quando se dirige aos "salvos". Fica muito claro que tudo que foi feito até aqui foi pela graça e que tudo que será dito a seguir precisa ter isso em mente.

No versículo 2 segue a tradicional bênção que acompanha as saudações dos autores neo-testamentários, mas chama a atenção que esta é novamente tríplice, como o foi a definição de salvação:

Misericórdia, paz, e amor lhes sejam multiplicados.

Somos alvo da misericórdia de Deus quando Ele derrama sobre nós a Sua graça imerecida para a salvação, mas Jeremias já nos havia dito que essa misericórdia não tem fim (*Lamentações de Jeremias 3.22-23*), porque o Seu amor por nós é grande, não permitindo que sejamos consumidos. Assim sendo, é essa misericórdia inesgotável, e que se renova a cada manhã, que Judas deseja, em primeiro lugar, para os seus leitores.

Juntamente com ela, vem a paz de Deus, que excede todo o entendimento. Não importa quão ameaçadoras sejam as circunstâncias depois disso, porque se Ele é por nós, ninguém, que seja contra nós, pode nos vencer. Podemos ter paz porque Ele tem cuidado de nós (*IPedro 5.7*)!

Em terceiro lugar, Judas deseja que seja transbordante em nós o amor de Cristo, para que, como Paulo (*IICoríntios 5.14*), sejamos constrangidos a amar o próximo como Ele que morreu e Se deu em resgate dele.

Os "cristãos" assim revestidos estão agora prontos para lidar com os problemas que Judas vai apresentar.

O versículo 3 é um pouco estranho, porque parece que Judas está dizendo que já há algum tempo que ele quer escrever a esses irmãos sobre salvação. Ocorre, contudo, que surgiu uma emergência, pelo que essa primeira carta vai ter que esperar por um momento mais propício porque ele precisa convocá-los para uma guerra, que já está fazendo vítimas no seio da Igreja e que alguns talvez sequer saibam. Assim sendo, ele está tendo que escrever uma carta emergencial sobre este assunto.

Já no versículo 4, Judas abre o jogo e diz, claramente, que a Igreja agora tem como membros pessoas que pareciam "convertidas" quando se tornaram membros, mas que na verdade agiram de forma dissimulada. Hoje, contudo, o seu comportamento é de ímpios, pelo fato de transformarem a graça em libertinagem e negarem Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor.

A transformação da graça em libertinagem é um problema com o qual Paulo também se defrontava em suas congregações (*Romanos 13.13, IICoríntios 12.21, Gálatas 5.19 e Efésios 4.19*), bem como Pedro nas suas (*IPedro 4.3, IIPedro 2.2, 7-8 e 18*). Aceitar a graça de Deus que perdoa os pecados só tem

sentido se considerarmos a Sua bondade e a Sua severidade (*Romanos 11.22*), pois a santidade é a contrapartida que Deus espera para os filhos que nasceram em Sua família.

Já com relação à segunda parte, que consiste na negação de Jesus Cristo, Judas não entra em detalhes, mas há várias maneiras como fazê-lo. Certamente eles estariam negando Jesus através do seu comportamento, mas poderiam ter apostatado da fé, negando a divindade ou a humanidade de Jesus.

Nos versículos 5 a 7, Judas nos dá 3 exemplos de fracassos espirituais que o Antigo Testamento nos narra. Ele começa o primeiro exemplo dizendo ser conhecido deles o fato de Deus ter libertado o povo de Israel da escravidão do Egito, mas que nem todos os que saíram juntos e haviam sido libertos chegaram ao destino final, qual seja, a Terra Prometida, devido à sua incredulidade. Trata-se, provavelmente, de um paralelo para essas pessoas do versículo 4, que haviam aceito, pelo menos racionalmente, a salvação oferecida por Deus em Jesus, mas assim como muitos dos filhos de Israel, caíram pelo meio do caminho devido à incredulidade e à rebelião. Em seus corações eles estavam retornando à velha vida, como os filhos de Israel ao Egito.

O segundo exemplo, dado no versículo 6, trata dos anjos que acompanharam Lúcifer em sua rebelião contra Deus. Deus os criara para o Seu serviço, mas a soberba de Lúcifer contaminou a muitos outros, que inclusive praticaram outros pecados. Neste caso específico, parece estar sendo feita uma referência a *Gênesis 6.1-5*, onde há um relato de anjos caídos que, aparentemente, se relacionaram fisicamente com mulheres anti-diluvianas. Há uma referência similar em *II Pedro 2.4*. O versículo 6 fala da irresponsabilidade desses anjos em relação às suas posições de autoridade. Judas parece apresentar um paralelo em relação à posição de autoridade desses falsos irmãos, que contaminaram a outros com seus discursos.

O terceiro exemplo, apresentado no versículo 7, é um pouco diferente dos anteriores, pois retrata o juízo de Deus em relação a um pecado específico de licenciosidade sexual. Este serve de testemunho contra o pecado que os falsos irmãos estariam agora dizendo ser aceitável, por estarem todos debaixo da graça. Trata-se, no caso, do pecado de Sodoma e Gomorra, cujo clamor chegara de tal maneira ao céu, que Deus resolveu destruir as duas cidades. O pecado em apreço dizia respeito a relações sexuais antinaturais, que estariam igualmente sendo liberados no pacote de licenciosidade da graça, defendida por esses "irmãos". Não há dúvida que o castigo de Deus para um pesava de igual forma sobre o outro.

Judas, no versículos 8, procura avaliar os erros desses irmãos ímpios, que ele chama de sonhadores, e os descreve detalhadamente. Ele diz que:

(1) eles contaminaram sua própria carne, isso obviamente no tocante à sua licenciosidade sexual;

(2) eles desrespeitaram e rejeitaram as autoridades, ao invés de se sujeitarem às mesmas;

(3) eles difamaram os seres celestiais, quais sejam, o próprio Deus e o nosso Salvador Jesus Cristo, ao falarem coisas errôneas a respeito dos mesmos.

O versículo 9 traz um contraexemplo para o item (2) acima, ou seja, ilustra a prática do respeito à autoridade, mesmo no caso da pior de todas as autoridades. Trata-se, curiosamente, de um exemplo extraído de um livro apócrifo, chamado a "Assunção de Moisés", cujo texto citado não é conhecido, mas a respeito do qual temos informações graças a citações de Clemente, Orígenes e Dídimo (/65/, pág. 162). Quando Moisés faleceu, Miguel teria sido enviado por Deus para enterrá-lo (o texto de *Deuteronomio* 34.6 se limita a dizer que Deus o enterrou, sem especificar o agente), mas Satanás teria comparecido, também, e teria dito a Miguel que o corpo de Moisés seria propriedade sua, porque ele fora um assassino. Miguel, não obstante tamanha afronta, visto que ele fora enviado ali pelo próprio Deus, não ousou repreender Satanás, seu ex-colega querubim, porque a autoridade de ambos viera de Deus. Assim sendo, ele se limitou a devolver o assunto para Deus, dizendo "**o Senhor o repreenda**". Seja como for, a moral da história é que a autoridade deve ser respeitada, mesmo em se tratando de uma autoridade corrompida pelo pecado.

Definido que a autoridade deve ser respeitada pelo cristão, independente da natureza da mesma, fica patente, no versículo 10, que esses falsos irmãos, ao difamarem aquilo que os líderes da Igreja estão dizendo, apenas ressaltam que não entendem nada a respeito das coisas de Deus. O que eles entendem, sim, por instinto animal irracional, são as coisas do mundo, através das quais foram corrompidos. O seu discurso de liberdade para fazer aquilo que dá prazer, na realidade mostra o quanto tais prazeres os tornaram escravos da carne que os corrompeu.

É muito interessante reconhecermos o quanto esse tema é atual. Diariamente vemos programas na televisão nos quais são ridicularizadas as pessoas que sustentam um ponto de vista bíblico em relação a relações sexuais extraconjugais e homossexuais. As pessoas "esclarecidas" são aquelas que reconhecem o direito de cada um de ser feliz como melhor entende.

Em nome desse "esclarecimento", eles acham que todos devem reconhecer como perfeitamente normais os casamentos homossexuais e as famílias formadas por pais de mesmo sexo. Surgem leis que punem como crime as expressões divergentes, mesmo aquelas feitas a partir dos púlpitos de igrejas fundamentadas em princípios bíblicos.

Era exatamente isso que falavam esses "falsos irmãos". Achavam que tinham um conhecimento superior, motivo pelo qual atribuíam-se o direito a prazeres, que eram condenados pelos líderes da Igreja, a quem julgavam faltar esclarecimento. Fica claro aqui que o seu conhecimento superior é na realidade apenas falta de entendimento. Que ironia!

Paulo diz exatamente a mesma coisa escrevendo aos coríntios, quando compara a sabedoria do Espírito com a sabedoria da presente Era (*ICoríntios* 2.6-16). Escrevendo aos romanos, o texto abaixo expande as palavras de Judas e fala

da ira de Deus sobre as ideias tolas contidas nos desvios doutrinários dos falsos irmãos (*Romanos 1.21-32*): Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; Estando cheios de toda a iniquidade, fornicação, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; Os quais, conhecendo o juízo de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

O versículo 11 traz três exemplos trágicos de fracassos espirituais do Velho Testamento, com os quais Judas estabelece aspectos distintos do comportamento dos citados "falsos irmãos".

Eles são acusados, inicialmente, de "seguirem o caminho de Caim". Que caminho foi esse? A Bíblia não é clara nos detalhes, mas podemos afirmar com certeza que Caim sentiu inveja do seu irmão Abel e se enfureceu contra ele por ter tido, Abel, sua oferta aceita por Deus, enquanto a sua própria foi rejeitada. Deus repreendeu Caim imediatamente, dizendo a ele que o pecado o ameaçava à porta, mas que cabia a ele dominá-lo. Vencer o seu furor e dominá-lo era o caminho a seguir. Todos sabemos, contudo, que Caim deu lugar à inveja e ao ódio, pelo que assassinou seu irmão, sendo lícito supor que os falsos irmãos mostraram inveja e ódio em relação à liderança da Igreja, que poderia se tornar em assassinato. Fica ressaltado aqui, de igual modo, o total desinteresse dos falsos mestres pelos seus irmãos, cujo fracasso na fé estavam dispostos a ocasionar, apenas para serem seguidos.

O segundo exemplo espiritual fracassado é de Balaão. Trata-se de um servo do Senhor cuja ganância é progressivamente revelada, embora ela não fique totalmente clara a princípio. Podemos dizer que ele se esforçou por atender à solicitação de Balaque, no sentido de amaldiçoar o povo de Israel, para que pudesse receber o prêmio prometido, mas Deus não o permitiu. Na narrativa bíblica o desfecho final parece ser o retorno de Balaão para casa, de mãos vazias e com Balaque muito irritado (*Números 24.25*).

Logo no capítulo seguinte, todavia, vemos as mulheres midianitas (povo de Balaque) se relacionando com os israelitas e corrompendo-os espiritualmente, com Deus punindo o povo por causa disso. Morrem devido a uma praga cerca de 24.000 pessoas (*Números 25.9*). Um pouco mais adiante, contudo, Deus pede a Moisés que se vingue dos midianitas. Nesta ocasião vemos Balaão sendo morto, também, e ficamos sabendo que a infidelidade dos israelitas resultou de um conselho de Balaão (*Números 31.16*). Balaão tinha sido advertido várias vezes por Deus, mas ele acabou seduzido pelo dinheiro de Balaque e isso lhe custou a vida. No caso dos falsos irmãos, aos quais Judas se refere, a ganância não parece ser por dinheiro e, sim, por posição. Seja como for, o pecado de Balaão nos mostra bem o preço da ganância.

O terceiro e último dos fracassos espirituais citados a título de exemplo por Judas, é o de Coré. Somos informados que ele, bisneto de Levi, se juntou com Datã e Abirão para desafiar a autoridade de Moisés. As muitas advertências, desta feita, foram feitas pelo próprio Moisés, que tentou fazer ver a ele o risco de se insurgir contra a autoridade constituída por Deus (*Números 16.10-11*). O desfecho da rebelião é muito triste, com duzentas mortes entre os 3 e seus seguidores. Ainda como consequência dessa mesma rebelião, houve uma segunda mortandade no dia seguinte, desta feita de todo o povo, mas que exterminou 14.700 pessoas. Já tinha sido ressaltado acima que a rebelião dos falsos mestres também caracterizava uma rebelião deles contra Deus.

O que essas 3 rebeliões têm em comum é o fato dos 3 rebeldes terem sido devidamente avisados e, não obstante, terem decidido insistir no erro, a exemplo do que faziam, igualmente, esses irmãos falsos.

Os versículos 12 e 13 trazem uma série de figuras, com as quais Judas procura mostrar o caráter instável desses falsos irmãos, onde o primeiro é que são "rochas submersas" nas festas de fraternidade. As festas de fraternidade eram as celebrações da Ceia do Senhor, mas que foram corrompidas em várias congregações. Paulo, por exemplo, repreende os coríntios, entre outros motivos, por fazerem dessa ocasião um espetáculo de glotonaria dos mais abastados, enquanto alguns irmãos mais pobres passavam fome (*ICoríntios 11.17-22*). Em *IIPedro 2.13-14* temos a impressão de que Pedro reclama haver relações sexuais ilícitas em plena cerimônia de celebração da ceia, onde ele se refere ao fato dos instigadores de tais atos serem uma mancha.

A palavra usada aqui para "rochas submersas", dando a idéia, segundo Green (/65/, pág. 166), de que são obstáculos capazes de por a pique os barcos espirituais dos irmãos incautos, é a mesma traduzida como manchas em *IIPedro*. Tudo indica, portanto, que também aqui estes falsos irmãos começaram a desvirtuar suas festas de amor, com a introdução de atos sexuais ilícitos.

Em segundo lugar, Judas diz que são pastores que só cuidam de si mesmos. Isso relembra imediatamente uma profecia de *Ezequiel 34.2*, onde ele critica líderes que lideram somente em benefício próprio, sem distinguir o bem estar das ovelhas, ou em detrimento destas. Sem dúvida estes falsos irmãos agregam a si os irmãos fracos, cuja fé é deturpada por seus ensinamentos iníquos.

A próxima comparação é nuvens sem chuva. As nuvens em uma terra de pouca água representam uma promessa de bênção. Na medida em que estes falsos irmãos associam à sua mensagem deturpada, uma vida abençoada que não vai se concretizar, eles se parecem com nuvens que prometem chuva, mas que não a trazem.

Outra metáfora, que parece ter mensagem similar, assemelha estes falsos irmãos a árvores que não produzem frutos. Isso se explica logo a seguir por estarem mortos duplamente, uma vez por não terem os frutos pelos quais seriam reconhecidos ("**vocês os reconhecerão pelos seus frutos**", disse Jesus em *Mateus 7.16*) e a segunda por terem sido arrancados pela raiz, que é Cristo (só podemos viver nEle se estivermos nEle enraizados (*Colossenses 2.6-7*)).

As duas últimas metáforas, apresentadas no versículo 13, falam a respeito do baixo nível moral dos atos destes falsos irmãos. Eles seriam semelhantes a ondas bravias do mar, cujas espumas são representativas de seus atos vergonhosos. Além disso, estariam condenados a desaparecer, como ocorre com as estrelas cadentes depois que passam. Nada sobra das mesmas, a não ser as densas trevas nas quais mergulham.

Nos versículos 14 a 16, Judas faz a citação de outro apócrifo, conhecido como o Livro de Enoque. Não cabe aqui fazer qualquer comentário em relação ao livro em questão, mesmo porque apenas parte dele foi recuperado, mas fica claro que era conhecido tanto de Judas como de seus leitores. É curioso que Judas comece dizendo que Enoque é o sétimo a partir de Adão, porque isso só é verdade se forem desconsiderados Abel e Caim, ou seja, adotando-se apenas a descendência de Sete (1 - Adão, 2 - Sete, 3 - Enos, 4 - Cainã, 5 - Maalaleel, 6 - Jared e 7 - Enoque). Sua citação no caso é relativa a uma profecia de juízo pronunciada por Enoque, a qual é transcrita a seguir: "**Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de seus santos, para julgar a todos e convencer a todos os ímpios a respeito de todos os atos de impiedade que eles cometeram impiamente e acerca de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios falaram contra ele**".

O texto citado deixa claro que o juízo é certo e que os falsos irmãos serão condenados. Além disso, ele deixa claro, a seguir, que pessoas como essas têm algumas qualificações que devem ser ressaltadas: "**Essas pessoas vivem se queixando e são descontentes com a sua sorte, seguem os seus próprios desejos impuros; são cheias de si e adulam os outros por interesse**".

Em outras palavras, pessoas como essas não são difíceis de identificar porque são murmuradores, ou seja, pessoas sempre descontentes com o que têm, egoístas, soberbas e que vivem adulando os outros para tentar auferir lucro.

Tendo feito uma citação de Enoque, Judas, nos versículos 17 a 19, se volta para os apóstolos e diz estar fazendo uma citação deles, que é bastante semelhante a *II Pedro 3.3*. Se for esse o caso, fica resolvida a dúvida sobre "quem copiou de quem" (Judas estaria copiando de Pedro), mas infelizmente existe a

possibilidade de ambos terem tirado suas referências de outro texto que tenha sido incluído na Bíblia.

Seja como for, isso não é importante e, sim, a forma como Judas está aplicando a mensagem apostólica, que diz que: **"Nos últimos tempos haverá zombadores que seguirão os seus próprios desejos ímpios"**.

Essa mensagem, Judas a aplica aos seus "falsos irmãos", dizendo que são exatamente estes os que têm causado as divisões na Igreja, por seguirem a tendência de suas próprias mentes, pelo fato de não terem o Espírito. Assim sendo, Judas não tem qualquer dúvida de que se trata de pessoas do mundo, que estão infiltrados na Igreja, a serviço de Satanás, para destruí-la.

Há uma música que ensinamos às crianças, segundo a qual se deve ler a Bíblia e orar todo dia para que haja crescimento. O versículo 20 de Judas diz exatamente isso: os crentes da Igreja para a qual ele está escrevendo são exortados a se edificar na fé, qual seja a doutrina dos apóstolos e a orar no Espírito Santo. Paulo exorta Timóteo, seu filho na fé, a fazer exatamente o mesmo (*II Timóteo 2. 15*): **"Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade"**.

Dando continuidade às exortações, Judas fala da necessidade de se manter aceso o amor cristão. Isso é praticamente uma consequência das exortações anteriores, pois se for efetivo o nosso relacionamento com Deus, através da oração, e se conhecermos e guardarmos os seus ensinamentos, então, o Seu amor será derramado em nossos corações e amaremos os nossos irmãos. Além disso, o mundo à nossa volta também notará que temos algo que eles precisam. Tudo isso faz parte de nos mantermos no amor de Deus, como diz Judas, que afirma ainda que esse deve ser o nosso alvo por toda a vida.

Nos versículos 22 e 23 Judas fala a respeito de aspectos práticos de serviço dos crentes na evangelização. O amor de Deus nos constrange, pelo que não é possível que retenhamos a salvação para nós, vendo outros que não a têm.

Ele parece distinguir aqui 3 grupos com os quais devemos nos envolver, com aparente dificuldade crescente de evangelização. Primeiramente ele fala dos que têm dúvidas. Esses parece que já tem "um pé na igreja", mas ainda precisam de cuidados. Já no versículo 23, ele se refere a um grupo que precisa ser salvo, mas estão, por enquanto, muito mais arraigados no inferno. Finalmente, ele fala de outros, ainda, em relação aos quais devemos mostrar misericórdia com temor, pelo fato de estarem tão contaminados pelo pecado e retidos pelo inferno, que, figuradamente, suas roupas se contaminaram com seus pecados.

É claro que nada do que nos é proposto em matéria de evangelismo pode ser feito por nós ou mediante os nossos esforços. Nós somos meros coadjuvantes na obra de evangelização coordenada pelo Espírito Santo. Embora Judas não diga isso, a verdade disso está plenamente clara na linda doxologia com a qual ele encerra sua carta (versículos 24 e 25): **"Àquele que é poderoso para impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande**

alegria, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém!"

IJoão 1

Versículos 1 a 10

1O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam - isto proclamamos a respeito da Palavra da vida.

2A vida se manifestou; nós a vimos e dela testemunhamos, e proclamamos a vocês a vida eterna, que estava com o Pai e nos foi manifestada.

3Proclamamos o que vimos e ouvimos para que vocês também tenham comunhão conosco. Nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo.

4Escrevemos estas coisas para que a nossa alegria seja completa.

5Esta é a mensagem que dele ouvimos e transmitimos a vocês: Deus é luz; nele não há treva alguma.

6Se afirmarmos que temos comunhão com ele, mas andamos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade.

7Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

8Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós.

9Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para perdoar os nossos pecados e nos purificar de toda injustiça.

10Se afirmarmos que não temos cometido pecado, fazemos de Deus um mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

Nenhuma das cartas atribuídas a João contém a sua autoria certificada no texto, mas há fortes indícios de que ele é o autor, motivo pelo qual a tradição assim o considera. Algumas dessas citações, tanto externas como internas, são citadas a seguir (/42/, pág. 555):

Policarpo é considerado um discípulo de João durante o seu período em Éfeso, motivo pelo qual se admite que a sua referência a "*IJoão 4.2*", feita em uma carta que ele escreveu aos filipenses, é aceita como totalmente abalizada.

Já no século IV Eusébio nos informa que Papias, bispo de Hierópolis, cidade próxima a Éfeso, também fez citações "extraídas da primeira epístola de João".

Pouco tempo mais tarde Irineu, que era bispo de Lyon na França, fez uma citação extraída de *IJoão 2. 18-19*, que ele afirma ter extraído da "carta de João".

Ainda no início da era cristã *IJoão* foi incluída no Cânon de Muratori, cuja data exata é desconhecida, mas que pode ser tão antigo quanto o ano 170d.C.

Há, ainda, os indícios do próprio texto, conhecidos como "internos", dentre os quais se pode citar o fato do autor ter sido testemunha da presença de Jesus aqui, como ocorre nos versículo 1.1 e 4.14.

Vemos também que o autor é uma pessoa que fala como quem tem autoridade e espera ser obedecido (ver *João 4.6*), mas nada é tão marcante como a semelhança dos termos usados pelo autor do Evangelho de João e pelo autor da carta de *João*, atestando de forma clara que a autoria de ambos os textos é única.

Encontramos em /42/, pág. 557, uma tabela de termos e expressões que encontramos em ambos os textos, a qual foi reproduzida abaixo:

Palavras importantes e comuns a IJoão e Evangelho de João	Versículo de IJoão	Versículo de João
Princípio	1.1	1.1
Verbo	1.1	1.1-14
Consolador / Advogado	2.1	14.16
Crer	5.1	3.16
Permanecer	2.6	15.7
Guardar	2.3-4	14:21
Mandamento	2.8	13.34-35
Verdadeiro	5.20	7.28
Conocer / Saber	3.24	10.15, 27
Trevas / Escuridão	2.11	12.35
Testemunho	5:9, 11	5.31-32
Expressões teológicas comuns a ambas		
Filho Unigênito	4.9	3.16, 19
Salvador do mundo	4.14	4.42
Espírito da verdade	4.6	14.17; 15.16
Praticar a verdade	1.6	3.21
Nascido de Deus	3.9	1.13
Filhos de Deus	3.2	1.12; 11.52
Vencer o mundo	5.4	16.33
Entregar a vida	3.16	10.11
Água e sangue	5.6	19.34
Filhos do Diabo	3.10	8.44
Andar nas trevas	2.11	8.12
Ver a Deus	4.12	1.18
Características de estilo comuns a ambos		
Este é	3.11	15.12
Nisto	2.3	13.35
Todo aquele que	vários	vários

Com base nos indícios externos e internos citados acima, parece bastante razoável atribuir a autoria desta carta a João.

Já a questão da data na qual ela foi escrita não há o mesmo consenso quanto ao que diz respeito à autoria. Grande parte dos comentaristas crê que a carta foi escrita de Éfeso, após a destruição de Jerusalém, depois do ano 85d.C., ao passo que outros defendem ter sido escrita de Jerusalém antes do de sua destruição, qual seja, 70d.C..

Como o conteúdo da carta denota uma familiaridade de João com os problemas do Gnosticismo que passou a ser comum nas igrejas neo-testamentárias gentílicas, é lícito pressupor que já tenha sido escrita após a instalação dele em Éfeso.

Além disso, o fato de não haver menção de problemas de perseguição, indica que Domiciano, provável líder romano da época, estava ainda no início de seu reinado, quando ainda não se preocupava com os cristãos.

Essa informação permite restringir a data provável do envio da carta à faixa de 80 a 85d.C..

O Docetismo é uma doutrina precursora do Gnosticismo ou que nasceu dentro dele e que defendia que o corpo de Cristo era uma ilusão, pelo que Sua crucificação teria sido apenas fictícia. Isso era coerente com a idéia gnóstica de que a matéria é má. Obviamente essa idéia conflitava com a pregação cristã, segundo a qual o "verbo se fez carne e habitou entre nós".

Não obstante a clara indicação de que João estava preocupado com a influência que o Docetismo estava tendo sobre a Igreja ou as igrejas destinatárias de sua carta, é inegável que João também estava preocupado com a qualidade de vida cristã que os seus leitores estavam tendo, a ponto de duvidarem da própria salvação.

Isso fica retratado em suas palavras registradas em *João 5.13*, onde ele disse: "escrevi-lhes estas coisas, a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna".

Essa é uma declaração curiosa porque se ele precisa escrever para que eles saibam que já têm vida eterna, segue que deve ser possível tê-la e não ter certeza. Assim sendo, olhando a carta de João mais de perto, podemos ver nela, também, uma série de ensinamentos que parecem se constituir em testes de "certeza de salvação", que serão abordados adiante.

João inicia esta sua primeira carta com um versículo muito semelhante àquele com que inicia o seu Evangelho. Lá ele diz que "no princípio era o verbo, o verbo estava com Deus e o verbo era Deus". Aqui ele se limita a fazer uma referência ao mesmo Verbo como "aquele que era desde o princípio". Além disso, é óbvio que o princípio em apreço é apenas o princípio do registro, mas não de Deus, pois tanto Ele como o Verbo, que são um, são eternos.

É curioso que os versos 45 do Surah 3 e 171 do Surah 4 do Corão ambos se referem a Jesus como um espírito que estava com Deus e que é enviado como o Verbo de Deus para Maria. Trata-se, portanto, de um espírito pré-existente, que depois retorna para Deus (Surah 3.55).

João continua, no versículo 1, a dizer que ele mesmo O ouviu, O contemplou com seus próprios olhos, chegando mesmo a apalpá-LO com suas mãos. É exatamente a respeito d'Este, que é a Palavra da Vida, que ele vai começar a proclamar.

Não há dúvida de que essa sentença já informa também aos docetistas que a encarnação de Jesus fora completa a ponto d'Ele poder ser ouvido, visto e tocado, por ser matéria real e santa criada por Deus Pai.

No versículo 2 ele expande o que já tinha dito no primeiro. A verdadeira vida se manifestou em Jesus e dela os discípulos deram testemunho. A vida eterna que havia sido perdida no Éden agora poderia ser readquirida através de Jesus. Ela que estava escondida com o Pai e nos foi manifestada através do Filho.

No versículo 3 João repete a sua disposição de proclamar aquilo que tinha visto e ouvido, mas agora ele adiciona o alvo a ser conquistado desta forma, qual seja, conseguir que os seus leitores participem da comunhão que ele e os demais cristãos já têm com o Pai e Filho.

No Evangelho de João ele proclama que Jesus veio para os Seus (os israelitas), mas os Seus não O receberam, mas a quantos O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Além disso, ela cita que essa filiação se faz através do novo nascimento espiritual. Na medida em que O recebemos, Ele nos dá o poder de passarmos a fazer parte da família de Deus, para dentro da qual somos adicionados por adoção.

João atesta no versículo 4 que a nossa felicidade só será completa na medida em que passemos a ter comunhão com o Pai e com o Filho. Vemos, portanto, que as palavras introdutórias da primeira carta de João pouco diferem daquelas com as quais João abre o seu Evangelho. Ele lhes apresenta o Messias de Israel, que vai sofrer e padecer para que possa salvar a todos quantos O receberem.

Nos versículos 6 a 10 João apresenta três pontos específicos nos quais o Docetismo estaria influenciando hereticamente o pensamento de membros da Igreja para a qual está escrevendo. Antes de apresentá-los, contudo, ele faz questão de enfatizar um ponto muito importante, qual seja, a pureza da natureza de Deus.

Ao lembrar aos seus leitores que Deus é luz e que conseqüentemente Ele não tolera qualquer comunhão com as trevas, fica ressaltada a Sua santidade e a total impossibilidade dEle mostrar tolerância com o pecado.

Ao longo de toda a Bíblia a luz é usada como representativa da santidade e da justiça de Deus. O salmista, por exemplo, ressaltava o fato da **Palavra de Deus ser lâmpada para os seus pés e luz para o seu caminho** (*Salmos 119.105*). No Novo Testamento o próprio Jesus diz para Nicodemos que **Ele mesmo é a luz que veio ao mundo, mas que os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más** (*João 3.19*). Na continuidade dessa conversa Ele diz que **quem pratica a verdade vem para a luz, ou seja para Ele**. Em *ITessalonicenses 5.4* Paulo diz que **os fiéis são filhos da luz, filhos do dia, cujas obras são justas, ou seja, nem da noite, nem das trevas**.

Os versículos 6, 8 e 10 apresentam três pontos errôneos, provavelmente defendidos por falsos mestres na Igreja destinatária dessa carta, que João está rebatendo com base na impossibilidade de Deus, que é luz, poder tolerar pecado. No versículo 6 ele fala da mentira daqueles que dizem ter comunhão com Deus e, ao mesmo tempo, andam em trevas. Trata-se de uma total incompatibilidade, visto que Deus é luz. Ao contrário, contudo, **se andarmos da luz, como Deus na luz está, então temos comunhão uns com os outros**, ou seja, não só com o próprio Deus, mas também com os irmãos. Além disso, **o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado**. Alguém poderia objetar aqui e dizer que esse adendo é desnecessário, pois quem anda na luz não tem pecado, mas todos sabemos que, por mais que nos esforcemos para andar retamente, a

nossa natureza carnal conspira contra a nossa santidade. É exatamente por isso que o próprio João segue argumentando, no versículo 8, que **se dissermos que estamos sem pecado, estamos nos enganando a nós mesmos e mentindo**. Se, por outro lado, estivermos sempre dispostos a reconhecer os pecados para os quais o Espírito de Deus nos alerta e **os confessarmos, então, Deus é fiel e justo para nos purificar de cada um deles**. Em outras palavras, **é o sangue de Jesus que nos purifica de todo pecado**. Se insistirmos no fato de que não mais cometemos pecado, então, estamos colocando a nossa mentira acima da verdade de Deus. João diz isso afirmando que fazemos Deus de mentiroso, o que obviamente é impossível, pelo que isso é prova irrefutável de que a palavra verdadeira de Deus não está em nós.

I João 2

Versículos 1 a 29

1 Meus filhinhos, escrevo a vocês estas coisas para que vocês não pequem. Se, porém, alguém pecar, temos um intercessor junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo.

2 Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados de todo o mundo.

3 Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos.

4 Aquele que diz: "Eu o conheço", mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele.

5 Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta forma sabemos que estamos nele:

6 aquele que afirma que permanece nele deve andar como ele andou.

7 Amados, não escrevo a vocês um mandamento novo, mas um mandamento antigo, que vocês têm desde o princípio: a mensagem que ouviram.

8 No entanto, o que escrevo é um mandamento novo, o qual é verdadeiro nele e em vocês, pois as trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.

9 Quem afirma estar na luz mas odeia seu irmão, continua nas trevas.

10 Quem ama seu irmão permanece na luz, e nele não há causa de tropeço.

11 Mas quem odeia seu irmão está nas trevas e anda nas trevas; não sabe para onde vai, porque as trevas o cegaram.

12 Filhinhos, eu escrevo a vocês porque os seus pecados foram perdoados, graças ao nome de Jesus.

13 Pais, eu escrevo a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu escrevo a vocês porque venceram o Maligno.

14 Filhinhos, eu escrevi a vocês porque conhecem o Pai. Pais, eu escrevi a vocês porque conhecem aquele que é desde o princípio. Jovens, eu escrevi a vocês, porque são fortes, e em vocês a Palavra de Deus permanece, e vocês venceram o Maligno.

15 Não amem o mundo nem o que nele há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.

16 Pois tudo o que há no mundo - a cobiça da carne, a cobiça dos olhos e a ostentação dos bens - não provém do Pai, mas do mundo.

17 O mundo e a sua cobiça passam, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

18Filhinhos, esta é a última hora e, assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, já agora muitos anticristos têm surgido. Por isso sabemos que esta é a última hora.

19Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos.

20Mas vocês têm uma unção que procede do Santo e todos vocês têm conhecimento.

21Não escrevo a vocês porque não conhecem a verdade, mas porque a conhecem e porque nenhuma mentira procede da verdade.

22Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? Este é o anticristo: aquele que nega o Pai e o Filho.

23Todo o que nega o Filho também não tem o Pai; quem confessa publicamente o Filho tem também o Pai.

24Quanto a vocês, cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês. Se o que ouviram desde o princípio permanecer em vocês, vocês também permanecerão no Filho e no Pai.

25E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna.

26Escrevo estas coisas a respeito daqueles que os querem enganar.

27Quanto a vocês, a unção que receberam dele permanece em vocês, e não precisam que alguém os ensine; mas, como a unção dele recebida, que é verdadeira e não falsa, os ensina acerca de todas as coisas, permaneçam nele como ele os ensinou.

28Filhinhos, agora permaneçam nele para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados diante dele na sua vinda.

29Se vocês sabem que ele é justo, saibam também que todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.

Se ficou qualquer dúvida com relação ao que João quis dizer em relação à nossa vulnerabilidade em relação ao pecado, ele o esclarece completamente neste versículo (1). João inicia o versículo 1 com uma saudação que denota tanto a idade já avançada do apóstolo como o carinho que tem para com os leitores de sua carta: “**meus filhinhos**”. É justamente para estes filhos, supostamente gerados pelo trabalho missionário de João, que ele adverte para que tomem o cuidado de não pecar. Isso significa claramente que nenhuma desculpa, que implique em qualquer tipo de tolerância para com o pecado, é aceitável. Não devemos pecar e pronto! Essa afirmação é totalmente compatível com as palavras de Jesus, pronunciadas ao final do evento, no qual os judeus queriam apedrejar uma mulher adúltera para tentá-lo: “**vá e não peques mais**” (*João 8.11*).

É verdade que o homem natural é escravo do pecado, porque essa foi a maldição que ele herdou de Adão, mas isso não significa que ele peque sempre, como advogava Agostinho. Paulo deixou isso claro ao dizer que os gentios, que não têm lei (explícita), mostram que ela foi escrita em seus corações ao fazerem, naturalmente, as coisas que são da lei (*Romanos 2.14-15*). Paulo nos informa também, contudo, que **Deus encerrou a todos debaixo do pecado para com todos usar de misericórdia** (*Romanos 11.32*). Este versículo deixa claro que o pecado vai derrotar o homem pelo menos uma vez, ou seja, o suficiente para torná-lo um transgressor da lei (*Tiago 2.10,11*).

Por outro lado, os filhos que Deus adotou, graças ao preço de justiça pago por Jesus, não são mais escravos do pecado e têm a liberdade de escolher entre pecar e não pecar sempre. Paulo diz isso repetidas vezes ao longo de todo o maravilhoso capítulo 6 do livro de *Romanos*, de onde foram extraídas as palavras de um corinho que cantamos: “**Porque estais debaixo da graça e não debaixo da lei, o pecado não mais terá domínio, sobre vós. Considerai-vos mortos ao pecado e vivos para Deus**”.

Se um lado da moeda do pecado é a excessiva tolerância, ressaltada acima, o outro é a excessiva severidade, que João combate na segunda parte desse mesmo versículo 1: **se** (todavia, por um acidente de percurso) **alguém pecar, essa pessoa não estará automaticamente perdida ou perderá o direito à sua salvação, porque Deus nos deu um advogado, Jesus Cristo, o Justo, que intercede por nós.**

A Bíblia nos informa que Satanás nos acusa diante de Deus dia e noite (*Apocalipse 12.10*), mas cada vez que pecamos e ele se adianta para chamar a atenção de Deus para o seu filho pecador, temos também um advogado que lembra a Deus que aquele mesmo pecado foi pago por Ele na cruz do monte Calvário.

O não reconhecimento desse fato gerou, ao longo da história da Igreja, grandes distorções como resultado da excessiva severidade. Por volta do ano 250d.C., o imperador Décio, querendo atingir os cristãos, que julgava serem inimigos do Império, obrigou que todos os cidadãos romanos declarassem o senhorio de Cesar. Aqueles que o fizessem ganhariam um passe, enquanto os demais enfrentariam punições que chegariam até à morte. Há registros, nessa ocasião, de que, por vezes, 75% dos membros das igrejas locais sucumbiam à provação, assim como fizera Pedro ao ser interpelado no pátio da casa do Sumo Sacerdote, pelo que eram imediatamente excomungados.

Com a morte de Décio, muitos destes procuraram voltar para as suas igrejas, que não os recebiam. Surgiu, então, um clamor geral, segundo o qual se perguntava até que ponto o pecado de negar a fé era imperdoável, enquanto outros, como o adultério, eram tratados de forma mais branda. O assunto foi discutido em todas as igrejas, que propuseram soluções as mais diversas, mas o consenso acabou caminhando na direção já proposta anos antes por Calixto, que instituíra uma forma de penitência, que aos poucos foi sendo oficializada na Igreja.

Cipriano de Cartago foi a figura mais destacada da Igreja Africana no período que se estende entre Tertuliano e Agostinho. Com relação aos caídos, Cipriano fez as propostas listadas a seguir:

- aqueles que haviam simplesmente comprado um certificado de culto aos ídolos do imperador deveriam ser imediatamente reconciliados, por se tratar de um erro menor, pelo qual já haviam sofrido o suficiente;
- aqueles que haviam realmente negado a sua fé, deveriam cumprir penitência pelo restante de suas vidas e, em contrapartida, seriam reconciliados em seu

leito de morte ou, caso provassem o seu real arrependimento, sofrendo as consequências de outra perseguição;

- com relação ao clero que tivesse caído, eles poderiam ser reconciliados, conforme indicado acima, mas não deveriam ser reconduzidos a seus cargos na Igreja.

A penitência encontrou guarida na base doutrinária da Igreja Católica Romana justamente por falta de conhecimento bíblico em relação ao plano de salvação divino. O fato de alguém negar a Cristo diante de uma ameaça de morte é muito diferente da situação de apostasia apresentada em *Hebreus 6.4-6*.

Ainda com relação à excessiva severidade, preguei, com alguma regularidade, durante alguns anos seguidos, numa determinada congregação, que cultivava o hábito, comum em muitas igrejas batistas, de terem sermões de cunho doutrinário pela manhã e evangelístico à noite. Pois bem, durante mais de um ano frequentava ali e ouvia as minhas pregações uma senhora de idade chamada D. Conceição. Todos os meus sermões de domingo à noite tinham “apelo” ao final e D. Conceição, invariavelmente, vinha à frente atendendo ao mesmo. Convencido de que seu desejo de seguir a Cristo era sincero e após procurar convencê-la, sem êxito, de que Deus já a perdoara desde a sua primeira oração de confissão, acabei identificando nela uma verdadeira hipocondria espiritual.

A palavra “propiciação” só aparece no Novo Testamento duas vezes e ambas nesta carta: neste versículo 2 e no versículo 4.10 (**Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas que Ele nos amou a nós e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados**). John Stott escreve acertadamente que Jesus não é o nosso advogado para defender a nossa inocência, nem tampouco para apresentar atenuantes para os nossos erros, mas reconhece a nossa culpa e apresenta o Seu próprio sacrifício substitutivo como motivo necessário e suficiente para a nossa absolvição. A palavra usada por João para esse ato de Jesus é “propiciação”, que difere um pouco de “expição”, pelo que gostaríamos de entender a diferença. Embora usada apenas duas vezes em todo o NT e somente por João nesta carta, não se trata de uma palavra estranha ao vocabulário grego da época. O substantivo propiciação e o verbo propiciar eram usados comumente pelos gregos para caracterizar as dádivas e o apaziguamento da ira dos deuses, que estas compravam. Como a ira dos deuses do Olimpo e os meios usados para apaziguá-los nem sempre eram louváveis, segue que muitos comentaristas acham inadequado o uso dessa palavra para a redenção divina, pelo que preferem traduzi-la como “expição”, não obstante o termo usado por João ser exatamente este.

Não há dúvida que a ira de Deus permanece sobre aqueles que se recusam a crer no Filho (*João 3.36*), mas o sacrifício do Filho se faz às expensas dEle mesmo. Foi a Ele, Deus Pai, que “agradou” sacrificar Jesus por nós (*Isaías 53.10a*), pelo que não há qualquer corrupção envolvida e, sim, um extremo ato de amor, com Deus mesmo Se fazendo homem e tomando o nosso pecado, fazendo Ele, Jesus, o papel de oferta de propiciação.

Não há dúvida de que há algo mais na propiciação do que na expiação. Li certa vez uma explicação (não tenho qualquer referência para oferecer), que parece não ser muito precisa do ponto de vista linguístico, mas que exemplifica bem o sentido da diferença dos dois termos. Seja uma sociedade de dois amigos, na qual um dos sócios agiu ilícitamente, tentando tirar tudo do outro. Antes, contudo, que o ilícito se consumasse, o sócio lesado o percebeu e levou o caso à justiça, resultando na condenação do sócio infrator. Anos mais tarde, quando saiu da prisão, o infrator procurou o seu ex-sócio e pediu perdão pelo seu ilícito e pelo prejuízo que causara. Sua culpa estaria “expiada” e seu sócio provavelmente o perdoaria, mas o relacionamento dos dois pararia por aí. Se, contudo, o ex-sócio, por amor ao seu ex-amigo, resolvesse não apenas perdoá-lo, mas também convidá-lo para voltar à sociedade, por considerar que ele certamente terá aprendido a lição e não o faria de novo, então, se trataria de uma “propiciação”, na qual o sócio infrator seria considerado propício ou adequado para retomar à sua antiga posição. É isso que Deus faz conosco. Não obstante o nosso pecado e a nossa corrupção, nossa propiciação é tão maravilhosa que Ele nos adota como filhos.

Nos anos que se seguiram ao evento que narrei acima concernente à D. Conceição, descobri que ela não é única. Há, pelo contrário, muitos crentes, perdoados por Deus, que não conseguem perdão próprio, nem tampouco se sentem perdoados. Certamente, para pessoas assim, é necessário conhecer na prática o que é termos um advogado junto ao Pai, que se faz propiciação por nós. De igual forma cabe ressaltar mais uma vez o texto de *João 5.13*: “**estas coisas vos escrevi para saberdes (com toda certeza), que tendes a vida eterna**”. A melhor cura para a hipocondria espiritual é a confiança nas promessas de Deus, cuja materialização na vida do crente João procura estabelecer através de alguns testes. Vejamos, portanto, quais foram as coisas que João escreveu e que se destinam a dar esta certeza!

O versículo 3 nos diz que sabemos que conhecemos a Jesus se guardamos os Seus mandamentos. Mais uma vez ecoam nos meus ouvidos outro corinho que cantamos com frequência, cuja letra sai do Evangelho de João: “**Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu também o amarei e me manifestarei a ele**”.

- 1º Teste: Já vimos acima que João principia sua 1ª carta dizendo que Deus é luz, pelo que se nós andamos nas trevas mentimos quando dizemos que temos com Ele comunhão (*IJoão 1.5-6*). Mais adiante, somos informados que “**aquele que diz: eu O conheço, e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nele tem sido verdadeiramente aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nEle: aquele que diz que permanece nEle deve, também, andar como Ele andou**” (*IJoão 2.4-6*).

O contexto aqui nos informa que aquele que tem Jesus, tem que começar a se parecer com Ele em suas atitudes (*Romanos 8.29*). Não queremos dizer com isso que não pecamos mais, nem que não haverá tropeços aqui e acolá, mas,

sim, que nossa vida passa a ser regulada por Seus ensinamentos. João deixa isso muito claro, ao dizer: **“Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado”** (*IJoão 5.18*).

Essa mudança pós-conversão chama-se santificação e decorre do fato de ouvirmos a voz do Espírito Santo, fazendo uma radical mudança em nossas vidas, a qual se processa de dentro para fora. Apenas para ilustrá-la, li em algum lugar o testemunho de um pastor que pediu a um jovem recém-convertido para dirigir uma oração do púlpito. O rapaz, meio atrapalhado, começou sua oração pedindo perdão a Deus por não ter conseguido, até então, ser como Ele, Deus, gostaria que ele fosse. Continuou pedindo perdão por não conseguir, tampouco, ser como seus irmãos dali gostariam que ele fosse e se desculpou, ainda, por não conseguir, sequer, ser como ele mesmo gostaria de ser. Neste instante, contudo, ele complementou, dizendo: mas eu sou muito grato, Senhor, porque não sou mais como eu era.

O novo nascimento gera nova vida. Se nenhuma mudança se processa no comportamento daquele que diz que nasceu de novo, então, há pouca probabilidade de tal nascimento ter ocorrido.

- 2º Teste: João começa este texto dizendo que vai apresentar um mandamento velho, ou seja repetido, mas aparentemente não o cita. Depois, no versículo seguinte, diz que vai apresentar um novo e, aparentemente, também não o cita. Obviamente como ele passa a falar do amor fraterno nos versículos seguintes (9 a 11), devemos concluir que o mandamento antigo é aquele pronunciado por Jesus, que ele mesmo já registrara em *João 13.34* (**“Amem-se uns aos outros”**), chamando-o de “mandamento novo” e em *João 15.12*, onde o chamou de “meu mandamento”, ou seja, um que Deus sempre ordenara.

Desta forma fica claro que se trata de um mandamento eterno, que faz parte inclusive da Lei (*Levítico 19.18*), o qual Jesus mesmo citara quando tentado pelos fariseus (*Mateus 22.39*); portanto, antigo e ao mesmo tempo um mandamento novo para a Igreja de Jesus Cristo: **“um novo mandamento vos dou que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei”**.

Assim sendo, o próprio João nos diz um pouco mais adiante que **“nós sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte”** (*IJoão 3.14*). O apóstolo João enfatiza aqui que o nosso relacionamento com os “demais filhos de Deus” deve ser caracterizado pelo amor.

Já houve quem dissesse que o encontro de dois crentes em Jesus Cristo é semelhante ao de dois velhos amigos, mesmo que estejam apenas se conhecendo. Isso se explica pelo fato de serem ambos “portadores” do mesmo Espírito Santo, fazendo com que tenham grande afinidade.

João estende este amor ao compartilhamento de bens temporais ao dizer, em *IJoão 3.17*, que o amor de Deus não pode estar permanente numa pessoa, que, tendo bens neste mundo, fecha o coração ao seu irmão necessitado. É muito oportuno ressaltar aqui que necessitado não é sinônimo de menos afortunado.

Quando o homem de Deus coloca bens a Seu serviço, fica implícito que Ele há de orientar com relação à indicação dos necessitados. Ao longo dos nossos anos de vida, minha esposa e eu já tiveos bastante dinheiro, depois fomos à falência e ficamos endividados. Enquanto tínhamos dinheiro, era possível ajudar os outros e o fazíamos da forma mais discreta possível, mas, de uma forma ou outra, às vezes essa ajuda se tornava pública na igreja, estimulando vários irmãos a nos procurarem em tempos de necessidade.

A pergunta que sempre nos fazíamos era se ajudá-los era da vontade de Deus ou não. Obviamente a resposta que dávamos a quem nos procurava era, invariavelmente, a mesma: vamos consultar Deus a respeito. Às vezes Ele confirmava e às vezes não. Era uma época de boas experiências com Deus. Aprendemos, contudo, que essa não é a maneira de um crente pedir ajuda. Se temos necessidades devemos levá-las a Deus para que Ele tome as providências necessárias. As experiências que tivemos desta maneira foram muitíssimo mais gratificantes.

Eu tinha um colega de magistério na UFRJ que era um gênio em química e um crente com C maiúsculo. Eu tinha uma empresa e a Universidade para mim era “bico”, mas para ele era o salário integral. Há alguns anos os professores entraram em greve por alguns meses e o governo pressionou deixando de pagar os salários deles. Conquanto nem ele nem eu tivéssemos aderido à greve, ambos deixamos de receber. Para mim não fazia qualquer diferença, mas para ele era o salário integral. Um dia, por aqueles dias, cheguei no escritório, liguei o micro e ia começar a trabalhar quando me sobreveio um desejo súbito de ligar para o meu amigo e perguntar se ele estava precisando de dinheiro. Não sabia porque me sobreviera aquela ideia porque raramente penso nele. Peguei o telefone, liguei e com muito humor disse que o dinheiro dele estava acabando, mas que ele me procuraria se acabasse antes de serem retomados os pagamentos de salário. Desliguei e não pensei mais no assunto, mas ele era professor de EBD na mesma igreja que eu e fiquei sabendo depois que ele contou, como testemunho na sua classe, que todas as suas reservas de dinheiro estavam acabando por falta de pagamento de salário na UFRJ, de modo que ele resolvera informar “seu Pai celestial” a respeito. Ele havia lembrado ao Pai as muitas promessas segundo as quais ele não deixaria faltar coisa alguma. Nem tinha acabado de orar quando o telefone tocou com alguém na linha oferecendo dinheiro. Essa foi, sem dúvida, a nossa experiência mais marcante nessa área.

Deus gera em nós o amor por Seus filhos próximos, nossos irmãos em Cristo, bem como o amor por aqueles que ainda não aceitaram Jesus como Salvador. Se Deus não está gerando amor algum, então, os versículos 9 e 11 nos dizem que estamos ainda andando em trevas. Já o versículo 10 nos diz claramente, que aquele no qual esse amor é gerado, ele não apenas anda na luz de Jesus Cristo, mas em sua vida não há engano, ou seja, ele sabe exatamente de quem é filho.

Tendo apresentado este segundo teste, no qual não distingue o grau de maturidade dos filhos de Deus, João parece querer estabelecer alguns tons de

cinza entre o preto e o branco, ou seja, ele passa a falar aos filhos de diferentes graus de maturidade espiritual, estimulando-os à vitória através do amadurecimento na vida cristã. A conclusão que chegamos é que o teste acima é necessário para provar a filiação divina, mas que a reprovação no mesmo não é suficiente para negá-la. Em outras palavras, o Espírito Santo nos transforma a partir do primeiro dia de nossas conversões, mas a velocidade de transformação depende muito de nossa participação, pelo que há muitos crentes nos quais a transformação não é tão perceptível quanto em outros.

João se dirige, neste intuito, aos filhinhos, aos pais e aos jovens, que para Agostinho eram, respectivamente, os recém-convertidos sem qualquer maturidade cristã, aqueles que já andam de maneira vitoriosa com razoável maturidade cristã e os cristãos maduros que têm conhecimento profundo do Evangelho e a estabilidade de quem vive a vida neles implantada por Deus. Já Lutero e Calvino viam aqui apenas dois grupos, pois achavam que filhinhos dizia respeito a todos os seus leitores, que ele divide entre experientes e inexperientes. O contexto da recomendação feita por João a cada um dos 3 grupos parece fortalecer a opinião de Agostinho.

Aos recém-convertidos, no versículo 12, ele diz o que mais precisam saber: que os seus pecados foram efetivamente perdoados. Isso se dá porque foram pagos por Jesus, pelo que é em nome dEle que esse perdão ocorre. Não há nada mais precioso para o recém-convertido do que a certeza de que Deus o perdoou e adotou como filho.

Aos pais, no versículo 13, ele expressa o reconhecimento que eles têm intimidade com Deus, motivo pelo qual eles O conhecem pessoalmente. Esse conhecimento decorre da comunhão que tiveram com Ele durante anos e graças às vitórias que experimentaram em suas lutas contra o inimigo.

Em terceiro lugar ele se dirige aos jovens, ainda no versículo 13, para registrar sua alegria com as vitórias que têm experimentado sobre o Maligno. Essas vitórias estão associadas ao fato de resistirem a Satanás e fugirem do pecado.

Curiosamente, ele se dirige novamente aos mesmos 3 grupos para dizer mais ou menos as mesmas coisas no versículo 14 aos pais e aos jovens, mas aos recém-convertidos ele acrescenta que eles, agora, conhecem a Deus pessoalmente, pelo que devem aprofundar esse relacionamento. A vida cristã começa com o perdão de pecados, do qual podemos ter certeza absoluta, mas precisa ser alimentada pelo relacionamento pessoal com Deus. Ouvir Deus falar é uma experiência impar!

Ainda dentro do tema de ter comunhão com Deus, João adverte todos os seus filhos no tocante ao grande perigo de se deixarem distrair com as coisas do mundo. É a primeira vez que João usa a palavra mundo aqui, mas ele a usa de uma forma diferente daquela empregada, por exemplo em *João 3.16*. Ali, ao falar da forma singular como Deus "amou o mundo", ele se refere às pessoas deste mundo, criadas por Ele, mas que se encontram escravizadas sob o jugo do pecado. Já nas seis vezes em que o termo "mundo" ocorre nestes três versículos

ele se refere ao pecado escravizante deste mundo regido por Satanás. Não é à toa que João mesmo diz, em *IJoão 5.19*, que "o mundo inteiro está sob o poder do Maligno". O mundo, nestes termos, é regido por Satanás, motivo pelo qual João diz que **Aquele que habita em nós (Deus) é maior que aquele que está no mundo** (*IJoão 4.4*). Assim sendo, portanto, apesar de estarmos no mundo, a nossa posição precisa ser de antagonismo em relação ao mesmo. Ao orar por nós em Sua oração intercessória de *João 17*, Jesus pede ao Pai, **não que nos tire do mundo, mas que nos livre das tentações malignas que este mundo nos oferece** (versículo 15).

É da clara intenção de Deus, portanto, que nós exerçamos o nosso papel de sal e luz neste mundo, sem, contudo, sermos seduzidos pelos prazeres que ele nos oferece. A nossa comunhão com Deus está totalmente relacionada ao fato de vivermos amando e obedecendo ao nosso Deus, pelo que fica novamente claro que ninguém pode servir a dois senhores. É impossível que sirvamos a Deus e amemos o mundo ao mesmo tempo. Quando a Bíblia nos diz que Jesus amou o "mancebo de qualidade" e mandou que vendesse tudo que tinha para alcançar a vida eterna (*Marcos 10.21*) é porque Ele sabia que seu deus eram as suas posses, e que a única maneira de dar fim a essa sua idolatria seria eliminando os seus bens. A única maneira de vencermos o mundo é zelando para que o Pai seja, e continue sendo, o nosso único e verdadeiro Deus. É por isso que João nos diz que a "concupiscência da carne", ou seja, a inclinação natural da carne, é para as coisas mundanas. Eva sentiu o desejo de saborear a fruta da árvore da ciência do bem e do mal. De igual forma a cobiça dos olhos também nos leva a desejar coisas do mundo. A Bíblia nos diz que o fruto da árvore também se mostrou atraente aos olhos de Eva. Finalmente, João disse que a soberba da vida também pertence ao mundo. Eva viu, igualmente, que o entendimento que viria através da fruta a tornaria como Deus, sabendo discernir certo de errado (versículo 16).

Talvez João estivesse pensando nesse paralelo ao citar esses três pecados associados ao amor pelas coisas mundanas. Certo é, contudo, que essas coisas não provêm do Pai; elas são do mundo. João encerra esta advertência referente à necessidade de evitar a atração pelo mundo e seus prazeres, lembrando que o mundo é passageiro, mas que aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre (versículo 17).

Paulo nos adverte em *ICoríntios 7.31*, que **aqueles que usam as coisas desse mundo, devem proceder como se não as usassem, porque a forma presente deste mundo está passando.**

John Stott comenta, com acerto, que os autores neo-testamentários não possuem uma terminologia uniforme quando falam a respeito do "fim dos tempos", dos "últimos dias", da "última hora" e dos "tempos do fim". O principal consenso que podemos extrair, contudo, é que os tempos do fim foram inaugurados juntamente com a primeira vinda de Cristo, que ao mesmo tempo encerra a primeira aliança. Quando João diz aos seus "filhinhos", no versículo 18, que a vinda do anticristo está sendo precedida pelo surgimento de vários

anticristos no meio deles, ele o faz justamente porque deseja alertá-los para o fato de que as defecções que estavam ocorrendo em suas igrejas locais eram previstas.

Somos levados a entender que João, assim como Pedro, estava enfrentando a pregação dos gnósticos no meio de suas igrejas locais, mas que a resistência da Igreja em aceitá-los estava levando à sua saída do seio da igreja.

Para alguns, João apresenta aqui mais um teste de salvação, mas certamente não para os aprovados e, sim, para os que provam sua heresia ao pedirem a sua remoção do rol de membros, passando a não mais frequentar as reuniões da igreja, por motivo de discordância doutrinária. Ele diz que **"saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que não eram dos nossos"** (versículo 19). A primeira impressão que se tem é que João está associando a membresia do corpo de Cristo à membresia da igreja local. Todos sabemos, contudo, que isso não é verdade, embora a recíproca seja verdadeira. Há muitas pessoas na igreja local que não são membros da Igreja de Cristo. De que João está falando, então?

Bem, podemos afirmar, com certeza, que não havia igrejas de diversas denominações em Éfeso, nem tampouco nas outras igrejas das cidades vizinhas, onde João ministrava de vez em quando. Assim sendo, nas circunstâncias específicas em que vivia, pedir para sair da igreja de Éfeso, correspondia a não querer fazer parte da Igreja de Cristo, ou talvez seja melhor concordar com João e concluir que eram pessoas que gostaram da novidade do Evangelho, mas que ficaram decepcionadas por não terem encontrado nessa "nova entidade chamada Igreja" o "status" que estavam procurando, visto que toda a honra e toda a glória são para Ele, Deus. Assim, na realidade, nunca entenderam de que se tratava, pelo que saíram.

No versículo 20, contudo, João diz aos seus filhinhos, os membros que ficaram, uma coisa muito interessante: eles ficaram porque têm "crisma", ou seja a unção que procede do Espírito Santo de Deus, motivo pelo qual eles têm conhecimento, ou seja, eles têm a capacidade, pelo Espírito, de discernir o que é verdade do que não é.

Assim, João reconhece que não era necessário escrever-lhes para esclarecer a verdade, porque o Espírito que neles habitava tinha exatamente essa função, qual seja, de guiá-los na verdade (versículo 21).

Neste ponto João esclarece qual era o ponto doutrinário de discordância. De alguma forma eles negavam que Jesus é o Cristo (versículo 22). Isto faz com que essas pessoas estejam dotadas do espírito do anticristo. Quem nega o Filho não tem o Pai mas quem O confessa publicamente tem também o Pai (versículo 23). Basicamente os gnósticos negavam que Jesus tivesse vindo em carne e desta maneira negavam o plano divino para a salvação em Jesus. Jesus só poderia ser nosso substituto legal se fosse homem, nascido de mulher igual a qualquer outro, mas sem ser da semente de Adão, porque isso faria dEle um

pecador como qualquer outro homem. Se sequer homem de carne e osso tivesse sido Ele jamais poderia ter sido o Cristo. Notem que na cabeça deles talvez isso fosse uma mudança pequena e necessária porque acreditavam que a carne era pecaminosa, pelo que Jesus não poderia ser carnal. A intenção de salvaguardar Jesus do mal talvez fosse até boa, mas era satânica e tornava Jesus impróprio para ser um sacrifício substitutivo. Em nossos dias eles teriam aberto a "Igreja do Cristo Purificado" ou algo assim do outro lado da rua, mas nem por isso a iniciativa teria deixado de ser satânica. Ao longo dos milênios, Satanás tem se especializado em produzir grandes mentiras, ou seja, aquelas que muito se parecem com a verdade, mas que têm sempre uma "pegadinha" que anula a graça.

Nos versículos 24 a 27 João faz duas advertências aos seus filhinhos. A primeira é no sentido de que permaneçam fiéis à mensagem do Evangelho que ouviram desde o princípio. Jesus nos prometeu vida eterna e nós a temos graças à Sua morte e à Sua ressurreição. Se aceitarmos o senhorio de Jesus Cristo e crermos, de coração, que Deus O ressuscitou dos mortos, então, essa promessa é uma realidade para nós. A nossa salvação não é conquistada pela nossa fidelidade e, sim, gratuitamente mediante a nossa fé nas promessas de Deus. Foi Ele que nos amou primeiro e nós O amamos como resposta que Ele espera (*1João 4.19* e *1Coríntios 8.3*), mas o nosso amor a Deus é provado pela nossa fidelidade (*João 14.21*).

A segunda advertência é uma palavra de cautela em relação àqueles que queriam enganá-los através de doutrinas novas, que extrapolam o Evangelho que eles receberam (versículo 26). No tocante a isso João lembra, mais uma vez, no versículo 27, a unção espiritual que receberam. Eles têm, morando localmente neles, o Espírito Santo de Deus, pelo que não têm necessidade de que alguém os ensine. Esta é uma citação de *Jeremias 31.34*. Isso não quer dizer que todos já aprendemos tudo no momento da conversão, pelo que qualquer estudo bíblico seria dispensável. Quer dizer, isso sim, que o Espírito nos dirige, para que, vivendo na Sua dependência, alcançaremos o crescimento espiritual desejável. Cabe ressaltar aqui o enorme papel que nós, Igreja, temos no crescimento uns dos outros. Não há ninguém que não precise mais aprender, pelo que Deus nos concede a todos crescimento através da comunhão. É exatamente por isso que Paulo, o maior teólogo do Novo Testamento, nos exorta, sem qualquer falsa humildade, a considerarmos os outros superiores a nós mesmos (*Filipenses 2.3*). Deus faz revelações a cada um de nós, pelo que todos temos o que aprender uns com os outros.

Nos dois versículos finais deste capítulo, João introduz uma característica dos crentes, que até então ele não abordara, qual seja a sua filiação divina. Ao fazê-lo, contudo, ele aborda vários outros pontos que devem ser igualmente ressaltados. O primeiro teste de salvação que havia sido mencionado acima (*1João 2.5-6*), diz respeito ao fato de andarmos na luz a partir do momento em que conhecemos a Jesus. Podemos dizer que "andar na luz", "permanecer nEle" e "praticar a justiça" são todos sinônimos. Assim sendo, João não está introduzindo, nos versículos 28 e 29, nenhum novo teste, mas está nos

lembrando que o verdadeiro crente continua andando na luz, ou seja, permanece nele, pelo que não será envergonhado no dia da Vinda de Jesus.

Stott nos lembra que há 4 palavras no Novo Testamento grego para a vinda de Jesus: *parousia* (vinda), *phanerosis* (manifestação), *epiphaneia* (epifania ou aparição) e *apokalupsis* (revelação), das quais as duas primeiras são usadas no versículo 28. Desta forma João, que já confirmara que os "tempos do fim" haviam começado com a Primeira Vinda de Cristo, agora nos revela a expectativa do encerramento destes com a Sua volta.

Nesta ocasião haverá muita alegria para aqueles que amam a Sua vinda, pela certeza de terem uma coroa preparada para eles (*II Timóteo 4.8*), mas João diz aqui que serão envergonhados aqueles que não estão nele. Isso confirma o que Jesus havia dito, ou seja, que "todas as nações se lamentarão ao verem o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória" (*Mateus 24.30*).

Se eles, os leitores da carta de João, sabem que Deus o Pai é justo, então, não podem deixar de reconhecer que todo aquele que é "nascido de Deus" deve igualmente andar praticando a justiça. É como "nascidos de Deus" que João introduz o conceito de filiação que apresenta a partir do capítulo 3.

I João 3

Versículos 1 a 24

1 Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos! Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu.

2 Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.

3 Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro.

4 Todo aquele que pratica o pecado transgredir a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei.

5 Vocês sabem que ele se manifestou para tirar os nossos pecados, e nele não há pecado.

6 Todo aquele que nele permanece não está no pecado. Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu.

7 Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo.

8 Aquele que pratica o pecado é do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. Para isso o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do Diabo.

9 Todo aquele que é nascido de Deus não pratica o pecado, porque a semente de Deus permanece nele; ele não pode estar no pecado, porque é nascido de Deus.

10 Desta forma sabemos quem são os filhos de Deus e quem são os filhos do Diabo: quem não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco quem não ama seu irmão.

11 Esta é a mensagem que vocês ouviram desde o princípio: que nos amemos uns aos outros.

12 Não sejamos como Caim, que pertencia ao Maligno e matou seu irmão. E por que o matou? Porque suas obras eram más e as de seu irmão eram justas.

13 Meus irmãos, não se admirem se o mundo os odeia.

14 Sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte.

15 Quem odeia seu irmão é assassino, e vocês sabem que nenhum assassino tem a vida eterna em si mesmo.

16 Nisto conhecemos o que é o amor: Jesus Cristo deu a sua vida por nós, e devemos dar a nossa vida por nossos irmãos.

17 Se alguém tiver recursos materiais e, vendo seu irmão em necessidade, não se compadecer dele, como pode permanecer nele o amor de Deus?

18 Filhinhos, não amemos de palavra nem de boca, mas em ação e em verdade.

19 Assim saberemos que somos da verdade; e tranquilizaremos o nosso coração diante dele

20 quando o nosso coração nos condenar. Porque Deus é maior do que o nosso coração e sabe todas as coisas.

21 Amados, se o nosso coração não nos condenar, temos confiança diante de Deus

22 e recebemos dele tudo o que pedimos, porque obedecemos aos seus mandamentos e fazemos o que lhe agrada.

23 E este é o seu mandamento: Que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo e que nos amemos uns aos outros, como ele nos ordenou.

24 Os que obedecem aos seus mandamentos nele permanecem, e ele neles. Do seguinte modo sabemos que ele permanece em nós: pelo Espírito que nos deu.

Como é grande o amor que o Pai tem demonstrado por nós, a ponto de sermos chamados "filhos de Deus". Aliás, não só chamados, mas efetivamente o somos. Aleluia! A palavra grega usada por João para filhos é *tekna*, que vem do verbo *tekein*, que significa "gerar". Somos, portanto, filhos gerados por Deus e não simplesmente adotados. Somos "nascidos de Deus", como ele acabara de dizer no final do capítulo anterior. Não passávamos de pecadores vivendo em rebeldia contra Deus, mas Ele não apenas nos comprou com o sangue de Cristo, mas abriu, através de Jesus homem, o caminho do "novo nascimento", fazendo dEle o primogênito de muitos irmãos.

Os filhos do mundo não conseguem enxergar isso, ou seja, não reconhecem a nossa nova filiação divina porque tampouco reconhecem o Deus Jesus e o sacrifício de Jesus homem. O novo e vivo caminho está aberto também para eles, mas preferem ignorá-lo.

A nossa majestade e glória, que recebemos de Jesus, é ainda oculta, como diz Paulo em *Colossenses 3.3* (porque a nossa vida está escondida com Cristo em Deus) e em *Romanos 8.19* (a natureza aguarda com grande expectativa a revelação dos filhos de Deus).

No versículo 2 João nos informa que isso decorre do fato de Ele ainda não Se ter manifestado, mas quando isso ocorrer, então, vamos vê-lo tal como Ele é. E não somente isso, mas também seremos transformados na Sua semelhança. De que exatamente João está falando?

Paulo nos afirma em *Romanos 8.29*, que Deus nos predestinou para sermos conforme a imagem de Seu Filho Jesus, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos. A mim me parece incontestável que Jesus foi contaminado por nossos pecados no momento em que registrou o fato de Deus tê-IO abandonado na cruz (*Mateus 27.46*). Era essa contaminação pelo pecado, a morte espiritual de Jesus homem, que tanto O havia atormentado no Getsêmani. Quando Deus O ressuscita, contudo, dá a Ele um espírito novo (do homem Jesus) fazendo dEle o "primogênito entre muitos irmãos a nascer de novo do espírito".

Esse é um assunto estranho à grande maioria dos cristãos de nossos dias, motivo pelo qual se tornou uma espécie de heresia para estes, mas Jesus não seria primogênito de nada se Sua ressurreição tivesse sido apenas física, pois vários outros haviam ressuscitado antes dele fisicamente. Ao receber um espírito novo, Jesus homem Se tornou o mediador da aliança que Deus firmou conosco (*ITimóteo 2.5*). Paulo confirma isso ao dizer que o texto do *Salmo 2:7 - Tu és meu filho eu hoje te gerei*, se refere ao dia da ressurreição. Naquele dia Jesus homem foi gerado no espírito, da mesma maneira como diz João no versículo anterior, que nós o fomos no dia do nosso novo nascimento: Ele o primogênito e nós pela Sua mediação.

Desde o dia em que nascemos de novo, recebemos também, habitando localmente, o Espírito Santo de Deus (*Ezequiel 36.27 - Porei o Meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os Meus decretos e a obedecerem fielmente às Minhas leis*). É exatamente por causa do Espírito Santo de Deus habitando localmente, que estamos sendo transformados, de glória em glória, na semelhança do Filho de Deus (*II Coríntios 3.18*).

Cabe, então, perguntar novamente do que João está falando ao dizer que ainda não foi revelado a nós como seremos? Mais uma vez Paulo responde a essa pergunta ao nos informar em *ICoríntios 15.22-23* que, assim como todos morremos em Adão, todos seremos vivificados em Cristo, mas cada um por sua vez: Cristo primeiro (Ele já recebeu o Seu corpo glorificado) e nós os que Lhe pertencemos quando Ele retornar.

Assim sendo, o nosso corpo, por enquanto, é um que um dia voltará ao pó e que ainda tem todos os vícios do pecado que abrigou até a nossa conversão. Temos, contudo, também, uma provisão divina temporária para a inclinação pecaminosa do nosso corpo mortal. Ele promete vivificá-lo através do Seu Espírito da mesma forma como "vivificou o corpo de Cristo" (*Romanos 8.11*).

Chegará um dia, contudo, quando da volta de Jesus, em que ganharemos um corpo glorificado semelhante ao que Ele já recebeu, motivo pelo qual só então

saberemos como será. Desde já, contudo, sabemos que será semelhante ao dEle.

Alguém poderia objetar com relação à morte espiritual de Jesus homem, que a primogenitura em questão se refere ao corpo glorificado e não ao espírito, mas se assim fosse, nós estaríamos ainda mortos em nossos pecados, porque não teríamos ainda passado pelo novo nascimento. Isso contradiz, contudo, o que João está nos dizendo, que já somos filhos de Deus.

Foi dito acima que isso se tornou uma espécie de heresia nos nossos dias, mas, para encerrar o assunto, convém ressaltar que muitos crentes ilustres ao longo da História da Igreja não pensavam dessa forma. Entre estes estavam Lutero, Calvino, Spurgeon e mais recentemente Billy Graham, que, aliás, nunca foram contestados. Houve contestação, sim, pelo fato dessa doutrina ter sido defendida como um complemento do preço do pecado, por pentecostais pouco apreciados, do auge do antipentecostalismo, a partir do meio do século passado, quais sejam Kenyon e Hagin. Contestar a posição de Lutero, Calvino, Spurgeon e outros implica em negar *II Coríntios 5.21a* - **Aquele que não conheceu pecado Deus O fez pecado por nós**. Assim sendo, defendem que Deus não O fez pecado por nós, porque Ele nunca foi contaminado pelo pecado, mas que esse versículo, dizem, é apenas simbólico, pois nossos pecados foram apenas atribuídos a Ele. A mim soa mais como heresia, mas chegando ao céu isso será devidamente esclarecido.

No versículo 3 João afirma que todo aquele que espera pela volta de Cristo e que anseia por se tornar totalmente como Jesus, procura desde já a sua própria purificação como é puro o nosso Senhor Jesus Cristo. Em outras palavras, todo crente que leva sua filiação a sério, quer se parecer com Jesus e se esforça por permitir que a faxina do Espírito Santo seja completa em sua vida.

No versículo 4 João apresenta não apenas uma definição claríssima do que vem a ser pecado, mas também fala a respeito da seriedade de cometê-los. Pecado é definido aqui como a transgressão da lei. Se o nosso alvo como crentes é obedecer à lei de Deus, segue que o pecado é errar o alvo. Aquele que vive no pecado é um transgressor da lei e vive em rebelião contra Deus, pelo que não pode ter comunhão com Ele.

É muito importante entender-se aqui que viver em pecado e estar em Cristo são duas coisas mutuamente exclusivas. João não está dizendo que o crente não peca nunca, mas deixa muito claro que quem se sente à vontade no pecado, ou seja, quem vive uma vida de transgressão, não está em Jesus e nem tem comunhão com Ele.

O versículo 5 nos informa que Jesus Se manifestou para tirar os nossos pecados e que nEle não há pecado. Stott interpreta esse versículo, dizendo que Ele tomou sobre o Seu corpo físico os nossos pecados, mas que estes não O contaminaram. Como prova disso sugere que vejamos os versículos de *IPedro 2.24* ("**Ele mesmo levou em Seu corpo nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas**

feridas vocês foram sarados"), *Hebreus 9.28* ("Assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam") e *Isaías 53.11-12* ("O trabalho de Sua alma Ele verá, e ficará satisfeito; com o Seu conhecimento o Meu servo o Justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre Si. Pelo que Lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá Ele o despojo; porquanto derramou a Sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas Ele levou sobre Si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede"). Para provar que Ele não foi contaminado, sugere que se veja *II Coríntios 5.21* ("Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nEle nos tornássemos justiça de Deus"), *Hebreus 7.26* ("É de um Sumo Sacerdote como esse que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus"), *IPedro 1.19* ([nossos pecados foram pagos] "pelo precioso sangue de Cristo, como um cordeiro sem mácula e sem defeito") e *IPedro 2.22* ("Ele não cometeu pecado algum e nenhum engano foi encontrado em Sua boca").

Observa-se que os argumentos de Stott falham por não haver qualquer ligação de sua assertiva (de que Jesus jamais Se contaminou na cruz) com os versículos apresentados. Os versículos apresentados confirmam duas coisas que não estão sendo questionadas:

- a) Que o pagamento de pecados é feito pelo sangue de Jesus;
- b) Que Ele Se qualificou como Cordeiro de Deus para substituto do homem pecador pelo fato de Ele mesmo, Jesus homem, jamais ter pecado.

Se Ele morreu espiritualmente e Deus Lhe virou as costas ao ser contaminado pelos nossos pecados (que Ele verdadeiramente tomou sobre Si - *Isaías 53.4*) os versículos em apreço não discutem. A referência ao corpo de Jesus não se faz em oposição ao Seu espírito e, sim, em oposição à Sua deidade. Nosso mediador com Deus é Jesus Homem e não Jesus Deus (*ITimóteo 2.5*).

Por outro lado, há versículos que o atestam, como *IPedro 3.18* ("Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo mas vivificado no espírito") - Ele não precisaria ser vivificado no espírito se não tivesse se corrompido, *Hebreus 2.9* ("Vemos, todavia, aquele que por pouco tempo foi feito menor que os anjos, Jesus, coroado de honra e de glória por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte") - esse é, sem dúvida, um versículo interessante que exalta Jesus por ter morrido para que pudesse morrer - sem a morte espiritual o homem Jesus, imortal como o primeiro Adão, não poderia sofrer a morte física e *Hebreus 5.9* ([Jesus], uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem).

Sem o novo nascimento do primogênito nós estaríamos ainda mortos em nossos pecados, conforme Paulo nos informa em *Romanos 4.25* ("Ele foi entregue à morte pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação"). Ele foi aperfeiçoado como homem ao receber, pela primeira vez, um espírito novo, com

o qual Deus O declarou justificado. Assim, Jesus homem Se tornou o mediador entre Deus e os homens.

Cabe chamar a atenção para o que realmente está por trás da posição defendida por Stott. Sua posição, a meu ver herética, decorre do fato dele achar que a morte espiritual de Jesus implicar, automaticamente, na morte de Deus, o que realmente é sem sentido. O que se defende aqui é que Jesus Deus não morreu, apesar de Jesus homem tê-lo feito, porque Jesus Deus estava esvaziado antes da cruz, com base em *Filipenses 2.5-8*. Para maiores detalhes a esse respeito ver /4/.

No versículo 6 João insiste na mesma tecla em que vinha batendo, quanto à impossibilidade do cristão viver no pecado. Se permanecemos em Jesus, não podemos nos sentir à vontade no pecado. Inversamente, quem vive à vontade no pecado não teve um encontro com Jesus e com certeza não O conhece.

Como conclusão inquestionável do que acaba de ser dito por João, os destinatários de sua carta não deviam se deixar enganar: não é possível para o justo viver na injustiça, porque isso é incompatível com a natureza de Jesus. No versículo 8 vem o inverso, ou seja, que aqueles que praticam obras satânicas são do reino de Satanás, porque pecar faz parte de sua obra desde o início. Foram justamente essas as obras que Jesus veio destruir.

No versículo 9 João procura fechar o seu raciocínio dizendo que todo aquele que é nascido de Deus teve implantada nele a semente divina. Trata-se do espírito não contaminado que substituiu o espírito corrompido pelos nossos atos pecaminosos e que nos separavam de Deus. Agora de posse de um espírito novo nosso e tendo ainda o Espírito de Deus vivendo em nós, não é mais possível a gente pecar sem ser convencido de pecado.

João fecha essa parte resumindo em um único versículo os dois primeiros testes de salvação que ele fez começando pelo capítulo 1: quem peca é filho do diabo e quem não vive em pecado é filho de Deus, motivo pelo qual ele ama também o seu irmão.

Com relação ao texto abrangido pelos versículos de 4 a 9, John Stott apresenta uma lista de 7 interpretações distintas de comentaristas renomados, no tocante à interpretação do ensino de João ao dizer, por exemplo, que todo aquele que é nascido de Deus "não comete pecado" (versículo 9 - tradução JFA RA), que é idêntica à tradução King James do inglês.

1 - Agostinho e Lutero, por exemplo, interpretaram esse texto alegando que João está se referindo a pecados que um verdadeiro crente não cometeria, qual seja, matar, por exemplo. Os pecados desculpáveis, ou veniais (um termo comum à doutrina católica romana) não estariam sendo considerados. Obviamente quem defende um ponto de vista como esse não conhece a definição de Tiago do que vem a ser um transgressor da lei (*Tiago 2.11*).

2 - Stott não cita nenhum defensor deste argumento, mas disse haver aqueles que defendem que Deus julga distintamente os erros de crentes e não crentes,

pelo que pecados de crentes são "tolerados". Mais uma vez quem defende um argumento desses não conhece a Deus. O próprio João tinha acabado de escrever no versículo 4 que "todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei".

3 - Ainda há outros, como Plummer, que não distinguem entre crentes e não crentes, mas o fazem entre a velha e a nova natureza do crente. Assim sendo, a velha natureza ainda se inclina para o pecado e peca, enquanto a nova não pode mais pecar. Neste caso ainda se valem do que Paulo diz em *Romanos 7.17*: "assim quem faz isto já não sou eu e, sim, o pecado que habita em mim". Obviamente isso é uma interpretação errônea do texto, pois Paulo está explicando porque "ele" peca ou deixa de pecar, culminando esse argumento no início do capítulo 8 de *Romanos*, onde diz que deixa de fazê-lo quando "anda no Espírito".

4 - A hipótese de que João estaria falando em termos ideais e não em termos práticos é defendida por Alford e por Düsterdieck e aceita como possibilidade viável por Westcott, Dodd e Barclay. Infelizmente, isso também implicaria em admitirmos que a transformação que o Espírito faz em nossas vidas também seria apenas um ideal inatingível em termos práticos.

Por outro lado, o argumento dos gnósticos, de que a carne é má, pelo que não adianta tentar refreá-la, tem um apelo muito forte e prático para o não crente. Se a contrapartida na vida do crente fosse apenas um ideal inatingível, João estaria quase que concordando com os gnósticos.

Podemos, contudo, não pecar, bastando, para tanto, que andemos segundo o Espírito.

5 - Outra interpretação está associada à forma como se entende o que quer dizer a expressão: "permanecer em Cristo". Para alguns a "permanência em Cristo" é uma forma de medir o grau de santificação do crente. Assim sendo, aqueles que atingiram essa permanência mínima não pecam mais, enquanto os outros, ainda em fase de crescimento de "permanência" pisam na bola e ainda se atrapalham com o pecado. Essa idéia é ancorada no versículo 6.

Stott ressalta bem que essa pode ser uma boa forma de apresentar o versículo 6 e parece até amparada por *João 15.1*, onde permanecer nele seria como estar na videira para dar fruto. Ocorre que o versículo 9 ficaria totalmente sem sentido, pois ninguém pode ser pouco nascido ou ter um processo avançado de nascimento. Se já nascemos de Deus, o versículo 9 nos diz que não pecamos.

6 - Ebrard apresenta uma interpretação particular deste texto, ao dizer que os pecados em apreço são apenas os pecados voluntários, ou seja, que o crente peca por distração, mas que nunca de maneira voluntária. Isso não seria mais possível.

Antes de citar qualquer outro exemplo, sou obrigado a reconhecer ter pecado muitas vezes sabendo que não deveria fazer o que fazia. Tendo dito isso, posso perguntar se o "crente" Davi, que tinha um coração segundo o coração de Deus,

ficou tão distraído com a beleza de Bateseba, que mandou matar seu marido Urias sem querer para poder ficar com ela?

Na verdade, são inúmeros os exemplos bíblicos que nos comprovam que esta hipótese é falsa.

7 - Finalmente, chegamos à hipótese que tem sido defendida aqui, segundo a qual a expressão "não peca" significa na realidade "permanecer no pecado". Isso significa que podemos, por vezes, nos deixar vencer pela tentação, mesmo sabendo que não somos mais escravos do pecado e, com ou sem o consentimento da mente, dizer "sim" ao pecado em nossas vidas. Sempre que isso ocorre, contudo, tem início imediato um processo de pesar e arrependimento, que culmina com o nosso pedido sincero de perdão. É só assim que podemos entender o pecado aterrador de Davi em *Salmos 51*, onde expressa seu arrependimento sincero.

Se Davi, contudo, tivesse mandado matar Natã quando este mostrou a ele ser um assassino, então, infelizmente, não seria possível pensar nele como um homem segundo o coração de Deus.

Nos versículos 1 a 9 deste terceiro capítulo João desenvolveu as idéias que tinha apresentado em relação ao primeiro teste de salvação, qual seja, a obediência aos mandamentos de Deus, por parte daqueles que se tornaram filhos Seus.

No versículo 10 ele citou o segundo teste que abordamos acima, ou seja, o fato de haver amor fraternal entre os irmãos nascidos de Deus, mas agora nos versículos 11 a 18 ele apresenta um desenvolvimento similar, onde destaca o que se espera, em termos de amor fraternal, daqueles que se tornaram filhos de Deus.

João já tinha dito que o mandamento do amor era antigo (*1João 2.7*), mas tinha falado, logo a seguir, que ele se tornara novo e vivo agora que o Espírito vive em nós e o coloca em funcionamento. No versículo 11 ele cita o velho mandamento que deixara de citar no capítulo anterior, qual seja, "que nos amemos uns aos outros".

Esse era um mandamento do Velho Testamento, mas como o Espírito Santo não havia, ainda, sido derramado, segue que seu cumprimento assume uma forma completamente diferente depois de Pentecostes, mas infelizmente apenas para os filhos nascidos de Deus. Para os demais nada mudara, mas João se propõe a mostrar o quão grande é a falta que essa mudança faz na vida destes.

Isso é feito no versículo 12, tomando por base o primeiro homicídio, o de Abel, que foi morto graças à inveja de Caim. Isso aconteceu porque Caim pertencia ao Maligno, ou seja, ele estava a serviço de Satanás. O seu motivo para tanto, segundo João, foi porque as obras de Abel eram justas e Caim não podia proceder de igual modo, motivo pelo qual passou a ter inveja do irmão. Essa inveja virou ódio e culminou num assassinato, onde um irmão matou o outro.

Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que a maioria dos assassinatos têm uma trajetória similar. Assim sendo, o fato de haver perseguição à Igreja de

Jesus Cristo decorre do fato do mundo não poder se conformar com a forma justa de viver dos Seus seguidores.

No versículo 13 João exorta seus leitores, portanto, a não estranharem o fato do mundo odiá-los, porque eles seguem o exemplo de Caim e vivem segundo a vida que dele herdaram, que na realidade se chama morte. Quando a nossa justiça faz ressaltar as obras injustas do mundo, a sua inveja se transforma em ódio e, a seguir, em perseguição.

Já o versículo 14 nos fala positivamente que o crente comprova a sua salvação, com a respectiva passagem da morte para a vida e o fato de termos sido transportados do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*), através do amor que sente pelos seus irmãos. O prazer que temos de juntos cultuarmos o nosso Deus e de juntos estudarmos a Bíblia resulta do amor que Deus coloca em nossos corações, uns pelos outros.

Assim sendo, se nós continuamos a nutrir ódio em nossos corações pelos nossos "irmãos", resulta que comprovamos apenas o contrário: que nunca passamos da morte para a vida, pelo que a semente que nos torna assassinos continua a dirigir as nossas vidas.

Quando João diz, no versículo 14, que nenhum assassino tem em si a vida eterna, ele não está dizendo que quem mata não pode entrar no céu. Ele está dizendo, isso sim, que aquele que tem, ainda em sua vida, tal inclinação, não tem em si a vida eterna. O apóstolo Paulo, que perseguiu e matou muitos cristãos, blasfemando a respeito de Jesus (pecado contra o Espírito Santo?) e obrigando crentes também a blasfemar, não teria qualquer chance se assim fosse.

É oportuno lembrar que nos ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte a intenção de matar é equivalente a matar (*Mateus 5.21-23*) e o desejo de adulterar é equivalente ao adultério (*Mateus 5.27-28*).

O exemplo de Caim foi dado para nos mostrar o exemplo supremo do ódio, qual seja, tirar a vida de outrem. Exatamente por isso, João relembra agora o exemplo supremo de amor, qual seja, aquele dado por Jesus, de dar a Sua vida pelos Seus irmãos (*João 3.16*), quando estes eram ainda os Seus inimigos (*Romanos 5.10*). Além disso, neste versículo que tem exatamente o mesmo número do outro (*João 3.16*), somos conclamados a dar também as nossas vidas pelos nossos irmãos. Obviamente isso pode ter sentido figurado, qual seja, o de gastarmos as nossas vidas, empenhando-nos em prol do bem estar de nossos irmãos, como pode mesmo chegar ao sacrifício supremo de efetivamente darmos as nossas vidas para que a de outros sejam salvas. É exatamente isso que fizeram muitos missionários que foram perseguidos e morreram no campo missionário.

Um exemplo prático de como o crente se dá aos seus irmãos é apresentado por João no versículo 17, onde ele se refere a bens materiais, com os quais alguns irmãos são mais providos que outros. Assim sendo, se o irmão que os tiver vir o seu irmão, que não os tem, passando necessidade, é mais do que óbvio que o

primeiro deve saber compartilhar. João, então, pergunta como pode estar permanente nele o amor de Deus, se ele não proceder dessa forma.

No mundo as pessoas se vangloriam, umas em relação às outras, em função de suas posses, porque vivem numa cultura em que "ser é ter". No Reino de Deus, contudo, nós "nos tornamos à medida em que amamos". Compartilhar é um privilégio! Bem-aventurados são os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia (Mateus 5.7). Bem aventurados, ainda, aqueles cujas obras de justiça não são praticadas para serem vistas pelos homens (Mateus 6.1-7).

O nosso amor não deve ser apenas teórico e da boca para fora. A nossa vida deve demonstrá-lo e, assim, será se nossas vidas forem pautadas nesses ensinamentos bíblicos.

Embora João não tenha introduzido até aqui nenhum novo teste, além dos dois já abordados, ele parece acrescentar um elemento novo à certeza de salvação, qual seja, a instabilidade do coração do homem. Neste contexto ele fala sobre o "nosso coração nos condenar", dando a clara impressão de que é de nossa consciência que ele está falando e não da parte de nossa mente, que controla os nossos anseios (algumas traduções usam efetivamente o termo "consciência", ao invés de "coração").

Só a título de recordação tenho defendido o uso dos termos espírito, alma, coração e mente, conforme indicado na figura a seguir, onde:

Espírito é a parte do homem que é imortal, com certeza. A voz do espírito é a nossa consciência. Quando nascemos de novo Deus nos dá um espírito novo, um coração novo e o Espírito de Deus habitando localmente (Ezequiel 36.26-27). Não há qualquer confusão na Bíblia relativa ao uso desse termo. Quando os autores o empregam, sabemos exatamente do que estão falando.

Alma é a parte do homem que engloba a mente e o coração. Não raramente é um termo usado para expressar vida (ser vivente) e também como sinônimo de espírito. Mente é a parte racional do homem. É um termo utilizado sem confusão (Ex. Romanos 12.2). O coração do homem é a parte que contém os anseios e desejos deste.

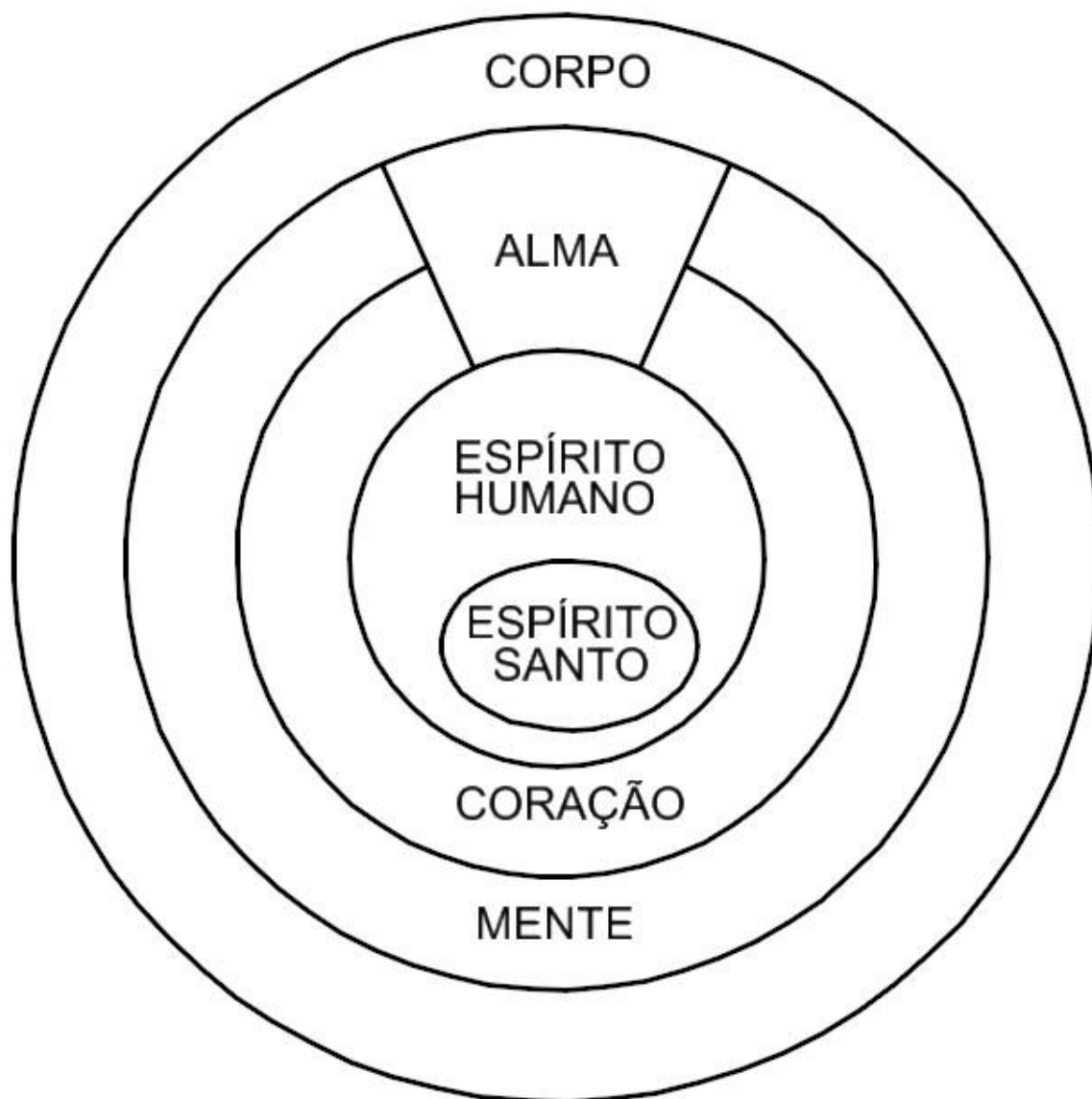


Figura 5 - Configuração do homem após o novo nascimento

No versículo 19 a palavra "verdade", que fora usada no versículo 18 para qualificar o verdadeiro amor que devemos sentir, aparece novamente como sinônimo de "permanecer em Cristo" ou "ter certeza de salvação".

A interpretação dos versículos 19 e 20 pode parecer muito estranha se não virmos a ênfase que o versículo 18 produz no raciocínio apresentado a seguir. O versículo 19 começa dizendo que sabemos que somos da verdade, ou seja, temos certeza da nossa salvação (graças ao amor despertado por Deus em nós), e com isso tranquilizamos o nosso coração ou a nossa consciência diante de Deus, mesmo que esta nos esteja acusando.

João parece dizer que a nossa consciência às vezes nos acusa por instigação de Satanás, mas que o amor de Deus em nós prova que Satanás está errado,

pelo que podemos tranquilizar os nossos corações. Isso porque Deus sabe disso e vê o amor dEle aperfeiçoado em nós.

Por outro lado (versículos 21 e 22), a situação ideal não é essa e, sim, que o nosso coração não nos condene, porque isso aumenta a nossa confiança ao adentrarmos a sua presença. Nesse caso, a gente tem certeza que Ele atende as nossas orações porque estamos certos de que O estamos agradando em tudo (na guarda de Seus mandamentos e no amor ao próximo).

O versículo 22 falara de obedecermos "os seus mandamentos", mas o versículo 23 fala de um mandamento que vai se constituir em outra prova de salvação, mas que é discutido apenas no capítulo 5. O mandamento em apreço é na realidade condição básica para que possamos nos tornar filhos de Deus, pelo que constatamos que a ordem dos testes de João não é sequencial.

Paulo nos havia dito em *Romanos 9.10* que a condição básica para sermos salvos era que reconhecêssemos o senhorio de Jesus Cristo e que crêssemos que Deus o ressuscitou dentre os mortos. Crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos e crer no Nome de Jesus são na realidade sinônimos, pois ambos implicam em crer que Ele é o Messias que havia de vir, que morreu por nossos pecados e que foi ressuscitado ao terceiro dia.

Isso tudo fica claro ao lermos o versículo 24, onde João volta a falar sobre a obediência aos mandamentos por parte daqueles que estão salvos (aqueles que permanecem nEle). Aí ele costura tudo dizendo que nossa salvação (a certeza de permanecerem nEle) reside no fato de Deus nos ter dado o Espírito Santo habitando localmente em nós.

Este, aliás, também é um dos testes que João vai apresentar no capítulo 4, pelo que fica claro que ele está antecipando 2 dos 3 testes restantes, ao mesmo tempo em que reforça as condições relativas aos dois primeiros, já apresentados acima.

Antes de encerrarmos esta parte, vale a pena ressaltar o que João diz no versículo 22, onde parece condicionar o fato de Deus atender as nossas orações ao fato de nós O agradarmos através da obediência aos Seus mandamentos, que inclui a nossa prática do amor ao próximo. Em princípio isso pode parecer meio estranho, porque estamos acostumados ao fato de Deus agir pela graça, pelo que ficamos preocupados quando repentinamente somos defrontados com a idéia de que nossas orações são atendidas na medida em que O agradamos. Será que há outros versículos que nos confirmam isso?

Inicialmente, é óbvio que nos vêm à mente os versículos que nos dizem que receberemos do Pai tudo que pedirmos em Nome de Jesus. Neste âmbito nos lembramos de *João 16.23* (**Eu lhes asseguro que meu Pai lhes dará tudo o que pedirem em meu nome**). Além disso, registramos com agrado versículos como *Mateus 7.7-8* (**Peçam e lhes será dado, busquem e encontrarão, batam e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede recebe, o que busca encontra e àquele que bate a porta será aberta**) e *Mateus 21.22* (**Tudo o que pedirem em oração, se crerem, o receberão**) e similar a este *Marcos 11.24*.

Mas além destes somos lembrados também de *IJoão 5.14* (**Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, Ele nos ouvirá**). Nesse caso, foi acrescentada como condição de atendimento o fato de pedirmos "segundo a vontade de Deus".

Nossa interpretação normal para este versículo é que seremos atendidos se aquilo que estamos pedindo é também o que Deus quer.

Será que, na verdade, este versículo quer dizer um pouco mais que isso? Será que a vontade de Deus, porventura não inclui, também, que nós façamos a Sua vontade nas outras coisas que Ele nos pede como filhos? Neste caso, guardarmos os Seus mandamentos, que incluem, também, o fato de amarmos os nossos irmãos, porventura não faria parte disso? O versículo 22 parece nos dizer exatamente isso.

Prestando melhor atenção a *João 15.7*, talvez Jesus esteja dizendo ali exatamente a mesma coisa: **"Se vocês permanecerem em mim e as minhas palavras permanecerem em vocês pedirão tudo o que quiserem e lhes será concedido"**. Será que permanecer na videira não é exatamente obedecermos aos mandamentos de Deus e amarmos os nossos irmãos?

É muito interessante a gente observar que o próprio Jesus, como Filho Unigênito, perfeito e sem pecados, atribui o fato de Deus Pai atendê-LO em seus pedidos, para a realização de milagres, à Sua própria obediência ao Pai. Sabemos que Jesus atribuía todos os Seus milagres ao Pai (*João 8.28* - **"nada faço de mim mesmo"**). No versículo seguinte, então, ele nos diz: **"Aquele que me enviou está comigo, Ele não me deixou sozinho, pois faço o que Lhe agrada"** (*João 8.29*).

Não é incrível que o próprio Jesus, o Filho Amado em Quem Deus Se comprazia, ter tido a confiança de pedir e ser atendido, não porque era Filho e, sim, porque era obediente e isso agradava ao Pai? Vejam a confiança com que ora ao ressuscitar Lázaro (*João 11.41b-42*): **"Pai eu agradeço porque me ouviste, eu sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que Tu me enviaste"**.

É interessante, ainda, que o autor de *Hebreus* nos diga que Jesus, **"embora sendo Filho, aprendeu a obedecer, por meio daquilo que sofreu"** (*Hebreus 5.8*).

Finalmente, talvez valha a pena reavaliar outros versículos que falam da necessidade de agradarmos a Deus no nosso relacionamento com Ele:

Colossenses 1.9-10 - **"Por esta razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus"**.

O nosso fruto aqui parece estar condicionado ao fato de agradarmos a Deus.

Hebreus 13.20-21 - **"O Deus de paz os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável"**.

Só podemos fazer a vontade de Deus depois que Ele nos aperfeiçoa e só somos agradáveis a Ele quando fazemos Sua vontade.

Tiago 5.16b - "A oração de justo é poderosa e eficaz".

Com relação a esse último versículo, devo reconhecer que dei diferentes ênfases ao mesmo ao longo do meu crescimento cristão. Houve uma época em que eu pensava que ele me condenava a não ter minhas orações atendidas por não ser "justo" o suficiente. Pouco mais adiante, contudo, o Espírito me revelou que eu não tinha justiça própria. Aquela que me era aplicada no âmbito do meu processo de salvação era a de Jesus, pelo que não havia problema de suficiência para a "minha" justiça, porque ela era 100% provida por Ele.

Mais recentemente entendi, contudo, que minha justiça, não obstante não ser minha, ainda tinha sua atribuição condicionada à minha obediência, conforme maravilhosamente descrito por João neste versículo 22. Assim sendo, a minha oração se torna poderosa e eficaz na mesma medida em que a minha justiça me é atribuída por eu obedecer os mandamentos de Deus, amar os meus irmãos, viver de modo a agradá-LO e, assim, pedir segundo a Sua vontade (não para a salvação, mas para o meu relacionamento com Deus).

I João 4

Versículos 1 a 21

1Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.

2Vocês podem reconhecer o Espírito de Deus deste modo: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne procede de Deus;

3mas todo espírito que não confessa Jesus não procede de Deus. Esse é o espírito do anticristo, acerca do qual vocês ouviram que está vindo, e agora já está no mundo.

4Filhinhos, vocês são de Deus e os venceram, porque aquele que está em vocês é maior do que aquele que está no mundo.

5Eles vêm do mundo. Por isso, o que falam procede do mundo, e o mundo os ouve.

6Nós viemos de Deus, e todo aquele que conhece a Deus nos ouve; mas quem não vem de Deus não nos ouve. Dessa forma reconhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro.

7Amados, amemos uns aos outros, pois o amor procede de Deus. Aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus.

8Quem não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor.

9Foi assim que Deus manifestou o seu amor entre nós: enviou o seu Filho Unigênito ao mundo, para que pudéssemos viver por meio dele.

10Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados.

11Amados, visto que Deus assim nos amou, nós também devemos amar uns aos outros.

12Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor está aperfeiçoado em nós.

13Sabemos que permanecemos nele, e ele em nós, porque ele nos deu do seu Espírito.

14E vimos e testemunhamos que o Pai enviou seu Filho para ser o Salvador do mundo.

15Se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, Deus permanece nele, e ele em Deus.

16Assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele.

17Dessa forma o amor está aperfeiçoado entre nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque neste mundo somos como ele.

18No amor não há medo; ao contrário o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor.

19Nós amamos porque ele nos amou primeiro.

20Se alguém afirmar: "Eu amo a Deus", mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.

21Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também seu irmão.

Aparentemente João estava tendo, nas igrejas às quais estava escrevendo, problemas similares àqueles que Paulo vinha enfrentando em Corinto. Paulo nos fala da soberba dos coríntios, que se achavam mais espirituais que os seus irmãos por terem recebido o dom de línguas, enquanto aqui parece que João critica a ingenuidade dos seus membros, porque acatavam toda profecia em línguas como se fosse uma verdade inquestionável, pelo simples fato de ser em línguas. Talvez até fossem expressas em grego, com o profeta iniciando com a frase "assim diz o Senhor".

João começa, portanto, dizendo que seus amados filhinhos não podem simplesmente acatar toda palavra que vem na forma de um pacote profético, porque há muitos falsos profetas em nosso meio, pelo que a origem das profecias tanto pode ser divina como satânica. Assim sendo, a regra número um, antes de se aceitar uma palavra profética, é que o próprio profeta seja testado, para ver qual a fonte de suas mensagens.

A regra no caso, definida no versículo 2, é muito simples: o profeta deve ser capaz de confessar Jesus como o Messias, que veio em carne. Se ele assim proceder é porque sua mensagem vem de Deus. Caso contrário, no versículo 3, ou seja, se ele não confessar Jesus como o Cristo Encarnado, então, ele não procede de Deus. Trata-se, nesse caso, do espírito do Anticristo, do qual João falara em *1João 2. 18-19*, que se manifestará no final do tempo, mas que já opera neste mundo.

As ênfases aqui e no capítulo 2, ambos falando do espírito do Anticristo, parecem diferir apenas com relação à natureza do problema. Lá estava havendo uma evasão de membros inconformados com a centralização do Cristo como Autor e Consumador de nossa fé, no qual precisamos "estar" para que possamos ser salvos. Já aqui se trata de pessoas que continuam no seio da Igreja, praticando os dons espirituais, mas que, na realidade, estão a serviço de

Satanás, entregando mensagens inspiradas pelo espírito do Anticristo, ao invés do Espírito Santo de Deus.

Nos próximos 3 versículos, João discute aspectos práticos relativos ao que se pode esperar como desfecho das discussões com aqueles que estão entregando tais mensagens.

No versículo 4, João diz que: "você", meus filhinhos, são de Deus, pelo que você tem e terá vitória sobre eles (os profetas inspirados pelo espírito do Anticristo), não porque você está bem instruído, mas, sim, porque habita em você o Espírito Santo, que é maior que o espírito satânico do Anticristo, por maior e mais sagaz que seja.

Já no versículo 5, João deixa claro que "eles" (os profetas inspirados pelo espírito do Anticristo) pertencem à ordem mundial regida por Satanás, motivo pelo qual o mundo os acata e os ouve.

A contrapartida, contudo, expressa no versículo 6, é que Deus não os ouve, mas nós, todos os que somos de Ele e permanecemos nEle, somos igualmente acatados e ouvidos por Ele. Eis aí, portanto, mais uma forma de distinguir entre o espírito do erro e o Espírito da Verdade.

Essa é exatamente, também, a realidade dos nossos dias. Vemos a confusão moral sendo pregada e difundida nas televisões à medida em que o elevado padrão moral das Escrituras é ridicularizado como coisa medieval. Não devemos, contudo, nos impressionar com isso, porque é exatamente isso que João nos está dizendo para os nossos dias: o mundo não nos ouve e não aceita o que Deus fala através do nosso testemunho. A verdade de Deus continuará a ser ridicularizada e o mundo em geral continuará a rejeitá-la, não obstante ser a verdade que os condenará.

Foi lançada, há algum tempo, uma versão brasileira do filme "Os 10 Mandamentos", que foi criado inicialmente na forma de novela em uma das redes brasileiras de televisão. A quebra de record de bilheteria do cinema nacional mostrou que os brasileiros ainda têm grande interesse pela história bíblica. Interessante, contudo, foi ler os comentários de um jornal ligado a uma rede de televisão concorrente, dizendo tratar-se de uma versão nacional de pregar uma religião comparável ao maniqueísmo persa. Trata-se de uma corrente religiosa que advogava a existência de uma batalha cósmica do bem contra o mal. Moisés seria o porta-voz de Deus, cuja aceitação garante tomar o lado vitorioso e cuja rejeição corresponde a alinhar-se com as forças satânicas de Faraó. As advertências de Moisés são ridicularizadas, contudo, e comparadas aos esforços de um vendedor de supermercado que oferece um produto com grande desconto que os clientes não podem perder. Fica implícito, todavia, que tudo não passa de mentiras. Não há dúvida que a mensagem divina foi entendida, mas rejeitada.

Tendo apresentado a sua advertência, relativa à inabilidade do mundo de compreender as verdades divinas, João retoma o assunto principal da carta, qual seja, o amor entre irmãos, que a salvação em Cristo promove. Foi o tema principal do capítulo 2, onde apareceu como seu 2º teste de salvação, e ele

elaborou sobre o tema no capítulo 3. Nos versículos 7 a 12, antes de introduzir mais um teste de salvação, João ressalta a natureza divina desse amor, que resulta, justamente, do fato de Deus estar em nós.

O versículo 7 começa renovando uma exortação que João já fizera antes, qual seja, **"que nos amemos uns aos outros"** (*João 3.11*), mas desta vez ele expande o argumento, justificando-o pelo fato do amor proceder de Deus. A amor é um atributo que ressalta a verdadeira essência de Deus. Ele é amor! Exatamente por isso, João continua dizendo que quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. A essência do verdadeiro amor decorre do relacionamento com um Deus que é amor em sua essência. Nada mais lógico!

O versículo 8 repete o mesmo argumento negativamente, ou seja, quem não ama, deixa de fazê-lo pelo simples fato de não conhecer a Deus. O motivo para tanto é exatamente o mesmo. Ou seja, falta o relacionamento com Aquele cuja essência é o amor.

No versículo 9 fica claro que, não obstante Deus ser amor, nós não O conheceríamos se Ele não tomasse a iniciativa de Se fazer revelar. Ele em Sua santidade, da qual estávamos separados por causa de nossos pecados, escolheu nos amar de maneira unilateral e ilimitada, o que ficou demonstrado e revelado ao mandar o Seu Filho Unigênito ao mundo para que pudéssemos ter vida, graças à Sua morte.

No versículo 10 João nos informa que nisto consiste o amor, não que nós O tenhamos amado, mas que foi Ele que nos amou. Paulo expande essa afirmativa, dizendo que **Ele nos amou quando éramos ainda inimigos** (*Romanos 5.10*). Apesar de inimigos, Deus nos amou tanto, que mandou esse Seu Filho unigênito para morrer a nossa morte, como propiciação pelos nossos pecados. Nós que éramos impróprios, fomos tornados próprios, graças a Ele.

Assim sendo, se Deus, que é Amor, tanto nos amou e manifestou esse amor em Jesus e através de Seu sacrifício, que nos tornou aceitáveis para Ele, como podemos deixar de amar os nossos irmãos que Ele amou da mesma forma como a nós.

Isso não é uma realidade no momento em que nascemos de novo. Já vimos acima que neste momento nós ganhamos um espírito novo, um coração novo e o Espírito de Deus habitando localmente, mas há ainda uma obra de aperfeiçoamento a ser feita em nossas vidas. O amor de Deus implantado em nós cresce à medida em que permanecemos nEle. É neste sentido que o versículo 12 diz que o amor de Deus é aperfeiçoado em nós.

Entre dois textos nos quais João discorre e se alonga sobre o amor de Deus, ele faz uso dos versículos 13 a 15 para apresentar 2 novos testes de salvação, que ele já tangenciara no final do capítulo 3.

É oportuno lembrar que João parece ter, em algumas congregações do seu campo missionário, alguns membros que não têm certeza de salvação, pelo que ele escreve: **"filhinhos estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a**

vida eterna". Havia ainda, contudo, outros membros, que insistiam em doutrinas ligadas a ideias embrionárias do Gnosticismo, que negavam a humanidade de Jesus Cristo. Para estes os mesmos testes servem para que sejam mais claramente identificados, para que suas heresias não sejam ouvidas.

Tendo feito essa ressalva, passemos ao terceiro teste:

- 3º Teste: **"Nisto conhecemos que permanecemos nEle e Ele em nós: em que nos deu do Seu Espírito"** (*João 4.13*).

As evidências objeto dos testes 1 e 2, que devem aparecer na vida daquele que nasceu de novo, são, de modo geral, externas, ou seja, serão notadas por aqueles que estão à nossa volta. O 3º teste, contudo, diz respeito ao testemunho interior do Espírito e é, sem sombra de dúvida, o mais maravilhoso deles. Isso não quer dizer que os outros à nossa volta não perceberão a nossa intimidade com o Espírito Santo, pois sem ela ninguém acreditará naquilo que dizemos, mas ouvir a voz de Deus é uma das experiências mais marcantes que podemos ter.

O apóstolo Paulo também nos fala, claramente, a esse respeito em *Romanos 8.14-16*. Quando o Espírito Santo de Deus nos fala que fomos adotados como filhos de Deus, não há mais o que duvidar em relação à nossa salvação! O Espírito nos diz que somos filhos de Deus! Aleluia! Que dúvida pode restar?

Para mim, o novo nascimento tem um significado bem real e prático, descrito, por exemplo, em *Ezequiel 36.26-27*, onde somos informados, também, que recebemos um coração novo (novos anseios) e o Espírito Santo de Deus habitando localmente. Quando Jesus pergunta a Nicodemos como ele pode ser mestre em Israel e não saber o que é novo nascimento, não tenho qualquer dúvida com relação aos textos do Velho Testamento que ele deveria conhecer. Este é um deles.

Fiquei surpreso outro dia, contudo, ao ler num livro sobre salvação, que apenas os cristãos fundamentalistas (radicais?) creem que novo nascimento seja uma coisa tangível ou prática. Segundo o livro que eu estava lendo (vou omitir propositamente a citação), a grande maioria dos crentes prefere pensar numa salvação menos bem definida, por se adequar melhor à sua incerteza de tê-la. A segunda parte dessa última frase é uma conclusão minha e não do texto citado acima, mas expressa bem a forma como as pessoas se "armam" contra qualquer cristão que ouse dizer ter certeza de sua salvação.

Como sempre, pensei em mim mesmo como uma pessoa racional e moderada; não me agrada ser rotulado de "radical", mas isso apenas confirma o que João havia dito no versículo 6 desse mesmo capítulo: o mundo não ouve aqueles que estão em Deus.

Já nos versículos 14 e 15 João nos fala sobre o ponto básico de partida para o recebimento de Jesus como nosso Salvador pessoal. Senão vejamos:

- 4º Teste: *João 4.14-15* diz que **temos visto e testemunhado que o Pai enviou o Seu Filho como Salvador do mundo. Aquele que confessar que Jesus é Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus.**

Obviamente fica claro que João não tem qualquer preocupação na epístola com relação à sequência dos seus testes. Em qualquer livro didático apresentando essa sequência de textos, este deveria ser o número 1.

Paulo nos informa em *Romanos 10.9* que somos salvos na medida em que confessamos o senhorio de Jesus Cristo e cremos, de coração, que Deus O ressuscitou dentre os mortos. João diz isso de forma parecida, ou seja, permanecemos em Deus se confessarmos os atributos de Jesus associados ao fato de ser Filho de Deus. João ressalta isso ainda de outra forma, na qual fala da suficiência da Palavra de Deus: **“Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, O faz de mentiroso, porquanto não crê no testemunho que dá acerca de Seu Filho. E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida”** (*1João 5.10-12*).

É interessante que as verdades bíblicas estão mais associadas à pessoa de Deus e aos Seus atributos, do que propriamente a declarações feitas por quem quer que seja. Quando Jesus nos diz que Ele é a verdade (*João 14.6*), fica implícito que Sua natureza exclui a mentira. É impossível que Deus minta, dizem *Tito 1.2* e *Hebreus 6.18*. Assim sendo, se Deus nos diz que a vida está em Jesus e não cremos nisso, estamos dizendo, no fundo, que Ele é mentiroso. Isso não faz sentido, porque contradiz Seu atributo básico.

De igual forma, se Ele é a Vida, sendo que a única vida que tem importância é aquela que é Eterna, e nós não O temos, tampouco podemos supor que haja alguma possibilidade de anseio pela "vida eterna".

Um pastor conhecido contou, certa vez, que costumava pedir às pessoas que vinham à frente nos cultos, atendendo aos apelos por salvação, que se colocassem de joelhos e fizessem, com ele, uma oração de confissão de arrependimento de pecados. Certo dia, contudo, atendeu ao seu apelo apenas um menino de 15 anos e o pastor, contrariando o seu hábito, abraçou carinhosamente o menino e orou com ele em pé. Passadas algumas semanas recebeu um telefonema desse mesmo menino, no meio da noite, dizendo estar em dúvida quanto à sua salvação, porque não fizera a confissão de seus pecados de joelhos.

O pastor tentou, primeiramente, fazer com que ele passasse no seu gabinete pela manhã, mas o menino, já aos prantos, insistiu que deveriam conversar por telefone mesmo, visto que certamente estaria perdido se viesse a falecer naquela mesma noite.

Convencido, portanto, que se tratava de uma emergência, o pastor pediu ao menino que abrisse sua Bíblia e lesse *João 6.47*: **“Em verdade, em verdade vos digo: quem crer em Mim tem a vida eterna”**. Perguntou, então, ao menino: “você crê em Jesus”? Sua resposta imediata: “creio, mas não fiquei de joelhos para...”, foi interrompida pelo pastor perguntando se ele achava que Jesus era mentiroso. Diante da negativa enfática do menino, o pastor perguntou novamente: “por que,

então, você quer acrescentar uma condição para se salvar, que Jesus não exige de você”?

É exatamente isso que muitas pessoas fazem. Acrescentam à fé em Jesus outras condições inatingíveis e acabam nunca se sentindo perdoadas. O conhecimento das Escrituras, bem como sua aplicação prática às nossas vidas, normalmente resolvem esse problema, mas vemos que João já o tinha dentre os destinatários de suas cartas, tratando de resolver o problema à luz de verdades bíblicas.

João acabou de dizer que podemos ter certeza de nossa salvação porque Deus nos deu o Seu Espírito e, também, porque confessamos publicamente que Jesus é o Filho de Deus. Ele retorna, agora, ao assunto do amor de Deus e começa o versículo 16 dizendo que **"assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele"**.

Tínhamos visto que João falou sobre o amor de Deus entre os versículos 7 e 12 do capítulo 4 e que retorna ao assunto nos versículos 16 a 21, mas que fornece mais dois testes de salvação entre os versículos 13 e 15. A forma como começa o versículo 16, contudo, parece indicar claramente que os assuntos em apreço de maneira alguma podem ser tratados de forma dissociada.

"É assim que conhecemos o amor que Deus tem por nós"! Assim como? Parece ser de suma importância entendermos essa ligação, que torna a nossa certeza e o amor de Deus indissociáveis.

Não se trata de sabermos quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, porque essa pergunta já foi respondida em *1João 4.10*: Deus nos amou primeiro e todo o resto é consequência. A nossa certeza de salvação principia no amor de Deus por nós, seja porque reconhecemos que Jesus é Deus e veio em carne por nós, seja porque o nosso novo nascimento implantou em nós o desejo de obediência a Deus, seja porque o amor de Deus fez brotar em nós o amor pelo próximo ou ainda porque Deus enviou o Seu Espírito para habitar em nós, o qual nos diz que nos tornamos filhos de Deus pela adoção, graciosa para nós, mas que custou a preciosa vida de Jesus.

"Deus é amor" significa que essa é a Sua essência. Trata-se de uma estória que começa muito antes do Éden. É a estória de um Ser, amoroso por natureza, constituindo uma família, à Sua própria imagem e semelhança, à qual Ele atribui livre arbítrio, que é corrompido pelo pecado, mas que, não obstante o pecado, continua capaz de reconhecer o Seu grande amor e amá-IO de volta.

Não obstante o Seu amor por todos, a ponto de prover o pagamento da culpa de todos, Ele fica impedido de perdoar aqueles que não reconhecem sua culpa e optam por rejeitar o preço pago em seu favor. Dessa forma a Sua pré-ciência se aplica apenas àqueles que O amam de volta (*1Coríntios 8.3*).

Por outro lado, Deus "move céu e terra" (pagando o preço do pecado) em prol daqueles que O amam, fazendo com que todas as coisas contribuam para o seu

bem (*Romanos 8.28*). A esses Ele chama para o cumprimento do Seu propósito. Eles os predestina para serem conformes à imagem do Seu Filho, o primogênito dentre muitos irmãos, que Ele faz nascer espiritualmente para dentro de Sua família.

Para que sejamos conformados à imagem do nosso Irmão mais velho, é preciso que Sua natureza implantada em nós frutifique e se aperfeiçoe. É exatamente isso que João está dizendo no versículo 17: **"Dessa forma o amor está aperfeiçoado em nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque nesse mundo somos como Ele"**.

João está dizendo que quanto mais parecidos nós formos com Jesus, maior será a nossa confiança no Dia do Juízo, ou seja, quanto mais cresce o nosso reconhecimento do amor de Deus e a nossa retribuição em amor por Ele, maior é a nossa certeza de salvação e a confiança com que adentramos a Sua presença. É o amor que faz com que nos acheguemos com confiança ao trono da graça (*Hebreus 4.16*).

Vejam como João diz isso maravilhosamente no versículo 18: **"No amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor"**.

Pronto! Está tudo claríssimo! Se não há certeza de vitória no Dia do Juízo, ou seja, se não há certeza de salvação, é porque o amor de Deus (o nosso conhecimento do amor de Deus e a nossa retribuição em amor como atitude de gratidão) não está aperfeiçoado em nós. Isso porque o verdadeiro amor expulsa o medo. Sem o verdadeiro amor em nós, vivemos a expectativa de juízo e do seu castigo correspondente.

Não é suficiente servir a um Deus de longe ou mesmo a um Deus, cujo amor desconhecemos. A reportagem da madre Tereza de Calcutá, reconhecidamente uma mulher que viveu uma vida de sacrifício em favor dos pobres e necessitados, concedida à Times Magazine pouco antes de sua morte, retrata uma pessoa triste por não saber se fora feito suficiente. Sua entrevista contrasta com as palavras de Paulo, que sabia ter combatido o bom combate, terminado a carreira e guardado a fé, motivo pelo qual sabia que lhe estava reservada a coroa da justiça, que o Justo Juiz, havia de lhe dar.

Yohanan ben Zakkai, foi um rabino proeminente que viveu nos dias da queda de Jerusalém nos anos 70d.C.. Em seu leito de morte, não obstante a presença de seus discípulos, ele se virou para a parede e começou a chorar. Diante da consternação de seus discípulos ele explicou que suas lágrimas eram causadas pela incerteza. Se ele estivesse comparecendo diante de um juiz da Terra, estaria, em caso de condenação, sujeito à perda de sua liberdade aqui ou, na pior dos casos, à morte física. Ele, contudo, estava prestes a comparecer diante do Juiz Supremo do Universo e caso Este o condenasse, sua condenação seria eterna, ao passo que ele não tinha certeza em relação ao veredito que o esperava. Trata-se de uma confissão de um homem íntegro, que não conhecia, todavia, o grande amor do Deus que estava prestes a encontrar. Tampouco

reconhecia o sacrifício que fora feito por ele no Calvário. A falta de amor dera lugar ao medo (estória extraída de uma publicação diária do Jerusalém Post de julho de 1985).

No versículo 19 João nos lembra que o amor de Deus veio primeiro e deveria ter servido de modelo para o nosso amor. Em outras palavras, o amor que Ele teve e tem por nós deveria reger a forma como amamos os nossos irmãos.

Se dizemos amar a Deus e ao mesmo tempo nutrimos ódio pelo nosso irmão, João nos diz que somos mentirosos, pois fica estabelecida uma incompatibilidade. É impossível dizer que amamos ao Deus que não vemos enquanto odiamos o nosso irmão com o qual convivemos no dia a dia. É imprescindível que o amor de Deus produza fruto em nossas vidas e o fruto que o amor produz é mais amor, não só pelo próprio Deus, mas também pelos nossos irmãos (versículo 21).

IJoão 5

Versículos 1 a 21

1 Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo é nascido de Deus, e todo aquele que ama o Pai ama também o que dele foi gerado.

2 Assim sabemos que amamos os filhos de Deus: amando a Deus e obedecendo aos seus mandamentos.

3 Porque nisto consiste o amor a Deus: em obedecer aos seus mandamentos. E os seus mandamentos não são pesados.

4 O que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé.

5 Quem é que vence o mundo? Somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus.

6 Este é aquele que veio por meio de água e sangue, Jesus Cristo: não somente por água, mas por água e sangue. E o Espírito é quem dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.

7 Há três que dão testemunho:

8 o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes.

9 Nós aceitamos o testemunho dos homens, mas o testemunho de Deus tem maior valor, pois é o testemunho de Deus, que ele dá acerca de seu Filho.

10 Quem crê no Filho de Deus tem em si mesmo esse testemunho. Quem não crê em Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca de seu Filho.

11 E este é o testemunho: Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está em seu Filho.

12 Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida.

13 Escrevi estas coisas a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que saibam que têm a vida eterna.

14 Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, ele nos ouvirá.

15 E, se sabemos que ele nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que temos o que dele pedimos.

16Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não leva à morte, ore, e Deus dará vida ao que pecou. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há pecado que leva à morte; não estou dizendo que se deva orar por este.

17Toda injustiça é pecado, mas há pecado que não leva à morte.

18Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado; aquele que nasceu de Deus o protege, e o Maligno não o atinge.

19Sabemos que somos de Deus e que o mundo todo está sob o poder do Maligno.

20Sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro. E nós estamos naquele que é o Verdadeiro, em seu Filho Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna.

21Filhinhos, guardem-se dos ídolos.

João havia dito em *IJoão 4.15* que se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, então, Deus permanece nele e ele em Deus. Havíamos comentado que isso faz eco com as palavras de Paulo em *Romanos 10.9*: "**Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo**".

Agora, contudo, no princípio do versículo 1, João parece converter causa em consequência, dizendo que o fato de confessarmos Jesus como o Cristo é prova de nossa salvação. Ocorre, contudo, que relendo *IJoão 4.15* à luz do versículo 1 daqui, talvez o quarto teste não tenha tido a ênfase que foi dada aqui ao mesmo. É possível que a nossa ênfase tenha feito a mesma conversão de causa em consequência como em *IJoão 4.15*. Não há dúvida quanto ao fato de nossa salvação depender de confessarmos o senhorio de Jesus e de reconhecermos que o plano divino de salvação ter sido consumado na ressurreição do Filho (*Romanos 10.9*). Não há dúvida, tampouco, que precisamos crer que o plano de Deus fez de Jesus o Primogênito dentre muitos irmãos a serem regenerados de igual forma (*Romanos 8.29*). Tudo isso é verdade, mas a ênfase aqui parece apontar para um quinto teste, segundo o qual não é possível passar pela experiência do novo nascimento e deixar de dar testemunho desse fato. Assim como Paulo o assevera, em *II Coríntios 5.14*, "**o amor de Cristo nos constrange**", pelo que não conseguimos ficar de boca fechada. Assim sendo, podemos introduzir um 5º teste, conforme enunciado abaixo:

- 5º Teste: Todo aquele que dá testemunho público de que Jesus é o Filho de Deus, o faz como consequência de sua salvação.

Desta forma, quando João agora diz, em *IJoão 5.1*, que o cristão atesta a sua salvação através de sua crença, ele não está se referindo a isso como causa, embora também o seja, mas como consequência. Assim, o testemunho de nossa fé em Cristo atesta a nossa salvação e aquilo que era causa (no 4º teste) vira também consequência no 5º.

De igual forma, ainda no versículo 1, João reitera que todo aquele que ama o Pai (não aquele que apenas diz que ama o Pai) também ama os co-irmãos que o Pai gerou. Em outras palavras, fomos "batizados" pelo Espírito Santo para dentro da Família de Deus, onde o amor ao Pai deve gerar amor por toda a Sua família.

No versículo 2 ele reitera o teste 2, dizendo que o amor aos irmãos é atestado pelo nosso amor a Deus, que por sua vez é atestado pelo teste 1, qual seja, a obediência a Deus.

Essa última sentença é reforçada no versículo 3, onde ele diz que o amor a Deus consiste em obedecermos os Seus mandamentos, mas ele adiciona uma coisa que decorre do amor, ou seja, que os Seus mandamentos não são pesados. Quando duas pessoas se casam, elas abrem mão da liberdade individual e passam a viver sob um regime de restrições mútuas. Só que essas restrições passam praticamente despercebidos devido ao amor de um pelo outro. Os casamentos onde uma ou ambas as partes vivem o "suplício" dessas restrições, atestam, por isso mesmo, a falta de amor na sua união.

João nos diz aqui exatamente a mesma coisa em relação ao nosso amor a Deus: se os mandamentos de Deus, que aceitamos ao receber Jesus como Senhor de nossas vidas, nos forem pesados, é porque na realidade nós não amamos a Deus. Continuamos atrelados ao mundo, lembrando que ninguém pode servir a dois senhores. Trata-se, aqui, de questionarmos, mais uma vez, se aqueles que nesta condição se encontram foram realmente convertidos a Jesus, ou apenas convencidos de que esse é o caminho a seguir, sem no entanto segui-lo.

João permanece neste assunto no versículo 4 ao falar da "vitória sobre o mundo". No dia em que nos convertemos, lembramos aqui que recebemos um espírito novo (e também uma nova consciência, que é a voz do nosso espírito) e um coração novo, ou seja, novos anseios de nossa alma (*Ezequiel 36.26*). Nesse dia, contudo, continuamos com o mesmo corpo (com seus desejos corrompidos) e a mesma mente (com nosso raciocínio igualmente corrompido pelo pecado). Tem início, então, uma guerra espiritual onde a vitória depende de nós. A intenção de Deus é que "a nossa conformidade com o mundo seja derrotada pela transformação de nossas mentes" (*Romanos 12.1-2*), para que elas absorvam a conformidade da mente de Cristo (*ICoríntios 2.16*). Além disso, os desejos dos nossos corpos mortais devem ser derrotados pela vida de Cristo em nós (*Efésios 2.3-5*).

É nesse ponto que João nos informa que vence o mundo aquele que é nascido de Deus. É a nossa fé em Jesus Cristo que vence o mundo, de modo que "somente aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus" é nascido de novo, pelo que só estes podem vencer o mundo. Retornamos, portanto, ao versículo 1, mas fizemos um passeio pelos testes 1, 2.

O autor continua dentro do mesmo assunto, qual seja, a certeza dos nascidos de novo, no tocante a Jesus ser o Filho de Deus. Aqui, no versículo 6, ele procura consubstanciar essa certeza através do testemunho do Espírito, relativo ao fato de Jesus ter vindo em condições representadas por duas figuras, quais sejam, a água e sangue. No caso, a interpretação do significado dessas figuras está longe de ser clara para nós, os leitores posteriores da carta de João. É provável, contudo, que os destinatários da época soubessem do que João estava falando, porque ele lhes teria falado usando essas mesmas figuras em outra ocasião,

mas para nós, os leitores posteriores, veremos que são múltiplas as interpretações correspondentes.

Antes disso, contudo, devemos ressaltar que os "melhores textos", encontrados em Qumran, nos trouxeram uma grande modificação em relação a este texto, infelizmente tornando-o muito menos claro. Em alguma época, ocorrida há muitos séculos, algum escriba teria tentado esclarecer o significado deste texto, introduzindo no mesmo alterações nos versículos 7 e 8, que davam à Trindade Divina sua referência mais clara de toda a Bíblia, além de criar um paralelo para melhor identificação das duas figuras do versículo 6. Assim sendo, a tradução do João Ferreira de Almeida na versão revista e corrigida da Imprensa Bíblica Brasileira apresenta como a seguir os versículos 6 a 8: **Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo: não só por água, mas por água e sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade.**

Porque três são os que testificam no céu: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e estes três são um.

E três são os que testificam na Terra, o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam num.

As inserções ficam claras quando comparamos este texto ao da NVI baseado nos melhores textos:

Este é aquele que veio por meio da água e do sangue, Jesus Cristo: não somente por água, mas por água e sangue. E o Espírito é quem dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.

Há três que dão testemunho:

o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes.

Obviamente o texto mais antigo não pode e nem deve ser usado para provar a existência da Trindade na Bíblia, nem tampouco para nortear a interpretação do que venha a ser água e sangue.

São apresentadas a seguir três interpretações relatadas por Stott /66/, mas confesso, desde já, que tive dificuldade de concordar com qualquer delas. Senão vejamos:

a) Interpretação defendida por Lutero e Calvino

A interpretação atribuída a estes dois precursores das denominações evangélicas está ligada aos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, que seriam representados pela água e pelo sangue, respectivamente. Embora tanto o batismo como a ceia estejam implicitamente ligados a Jesus, a tentativa de dizer que Jesus veio através deles seria meio complicado, principalmente no caso da ceia.

Além disso, a idéia de que o Espírito Santo testificasse desses dois elementos como originadores de Jesus é muito complicada.

b) Interpretação defendida por Agostinho

Esta interpretação ligaria a água e o sangue à confirmação da morte de Jesus, já que estes mesmos elementos escoaram pela ferida feita do seu lado quando golpearam Jesus com uma lança. A idéia de que Sua morte denota o fim de Sua missão salvífica é atraente, pois a água e o sangue estariam dando testemunho disso (embora ainda faltasse a ressurreição para completar a nossa justificação), mas novamente fica difícil de associar a vinda de Jesus a estes símbolos.

c) Interpretação defendida por Tertuliano

Esta interpretação, de acordo com Stott, é a mais aceitável, visto que ela não apenas retrata experiências históricas pelas quais Jesus passou, como denota eventos que testemunham a Sua pessoa divino-humana.

Tertuliano entendeu a água como referindo-se ao batismo, que denota o início de Sua missão, o Seu comissionamento e a Sua capacitação com o Espírito Santo descendo sobre Ele. Já ao sangue ele associa a Sua morte e a conclusão de Sua obra.

Embora as figuras da água e do sangue, atribuídas a Tertuliano, efetivamente retratem experiências históricas pelas quais Jesus passou e elas denotem a primeira a Sua divindade e a segunda a Sua humanidade, ainda assim nenhuma das duas fala de Sua origem, de modo que se possa dizer que Jesus veio através delas.

Além disso, Stott se perde a seguir em longos devaneios sobre a necessidade de não separar Jesus do Cristo. De acordo com ele, João estaria apresentando para os efésios, principalmente, uma defesa contra as ideias de Cerinto (um dos precursores do Gnosticismo), que pregava que Jesus seria um homem comum sobre o qual desceu o Espírito Santo no momento do Seu batismo e que esteve presente durante todo o Seu ministério, deixando-o, contudo, antes da crucificação.

Embora seja fato que as ideias do Gnosticismo já estivessem sendo combatidas por João, Jesus não vem do testemunho do Espírito que O declara divino (o Filho amado em Quem Deus Se comprazia). Assim sendo, nenhuma das três interpretações apresentadas até aqui parece satisfazer ao pré-requisito de "origem" de Jesus Cristo.

d) Interpretação dada pelo próprio João

Uma idéia interessante aqui é pesquisar o que o próprio João tem a dizer sobre água e sangue em outros cantos. Em *João 3.5*, por exemplo, Jesus apresenta a Nicodemos, como condição de salvação o nascimento primeiro pela água e depois pelo espírito. O nascimento físico se caracteriza pela geração do homem numa bolsa de água no ventre de uma mulher. Por outro lado, o nascimento do espírito já foi abordado acima e diz respeito ao novo nascimento do espírito do homem (regeneração divina). Se o próprio João já usara o termo água como significado de nascimento de uma mulher, certamente seria confuso se ele agora o usasse com outro significado. Assim sendo, parece bastante razoável dizer que a vinda de Jesus através da água atesta o Seu nascimento humano, mas o

fato de estar vindo de uma virgem resguarda a Sua divindade por assegurar um Pai divino. Com relação ao sangue, sabemos que a vida era retratada desde o tempos de Moisés, como sendo sinônimo de sangue. Em *Levítico 17.11*, por exemplo, encontramos as seguintes palavras: **Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida.**

Era o sangue de um animal perfeito que fazia propiciação pela vida. Assim sendo, o Cordeiro de Deus, para ter a vida em Si mesmo, tinha que vir com sangue que pudesse provar Sua perfeita humanidade. Quando João declara, em *João 1.4*, **"que nEle estava a vida"**, certamente ele tinha em mente o fato do sangue desse Cordeiro Perfeito ser suficiente para pagar os nossos pecados de uma vez por todas.

Assim sendo, o fato do Filho de Deus Se fazer um homem capaz de dar a vida aos demais é atestado pelo nascimento totalmente normal numa bolsa de água e pelo fato de ter nascido com sangue humano sem deficiências, que continha a vida que poderia ser derramada em prol da salvação da humanidade.

Essas duas figuras representam a "vinda sob forma humana perfeita" de Jesus Deus, dos quais o Espírito Santo também dá testemunho no coração dos homens, convencendo-os da necessidade de aceitar o Seu senhorio e da verdade de Sua ressurreição.

O versículo 9 nos fala da superioridade do testemunho de Deus comparado ao testemunho humano. Logo, se somos propensos a aceitar o testemunho de homens, com muito mais razão devemos aceitar o testemunho que Deus dá de Seu próprio Filho.

Quando cremos no Filho de Deus, é porque temos em nós mesmos esse testemunho. Obviamente a recíproca é totalmente verdadeira, ou seja, se não aceitamos o testemunho que Deus dá de Seu Filho, automaticamente O estamos chamando de mentiroso, porque não cremos no Filho.

O testemunho em apreço é muito simples: **Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida e quem não tem o Filho não tem a vida.**

O apóstolo João resume aqui tudo que ele falou ao longo de toda a carta: **"Tudo que escrevi para vocês que creem no nome de Jesus, foi escrito para que saibam que vocês têm assegurada a vida eterna"**.

Seu evangelho foi escrito para que as pessoas pudessem crer em Jesus, sabendo que Ele é Deus: **"Aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus"** (*João 1.12*).

Tinha havido discussões teológicas no meio das igrejas às quais estava escrevendo e, pelo visto, as pregações feitas pelos antecessores do Gnosticismo haviam suscitado dúvidas. Assim sendo, João havia escrito para dirimir dúvidas, mas principalmente para que os seus "filhinhos" pudessem ter certeza de vida eterna.

Nos versículos 14 e 15 João estende a confiança, que até agora estava limitada à questão da salvação, para o âmbito da resposta divina aos nossos pedidos feitos em oração. **"Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele nos ouvirá. E se sabemos que Ele nos ouve em tudo que pedimos, então podemos ter certeza, igualmente, que ele nos atenderá"**.

Já discutimos acima que não se trata de pedir e ficar esperando para saber se Deus tem a mesma opinião a respeito de nossas motivações de oração e, sim, de termos uma intimidade tal com Deus, que O conhecemos a ponto de saber o que Ele quer e o que não. Claro que não dá para fazer disso uma regra geral, mas há uma regra geral na Bíblia, qual seja, a de seguir a orientação do Espírito. É Ele que nos orienta tanto em nossos pedidos (*Romanos 8.26*), como na forma de aguardar as respostas pacientemente (*Romanos 8.25*).

José, como menino, tinha uma certa intimidade com Deus, porque Deus dava a ele sonhos interessantes antes do tempo em que foi vendido pelos seus irmãos. É lícito, portanto, imaginar que José devia orar a Deus perguntando acerca do significado de seus sonhos. A Bíblia nos diz que ele tinha 17 anos quando foi vendido (*Gênesis 37.2*) e que já estava com 30 (*Gênesis 41.46*) quando compareceu diante de Faraó. Depois disso houve sete anos de fartura e algum tempo de fome até que seus irmãos viessem pela primeira vez ao Egito para comprar mantimentos. Isso significa que Deus ouvia as orações de José, mas levou mais de 20 anos para respondê-las. Uma boa parte desse tempo foi de muita angústia e sofrimento para ele, mas mesmo assim ele esperou.

O versículo 16, mais uma vez, nos apresenta uma dificuldade de interpretação muito grande, a exemplo do que ocorreu nos versículos 7 e 8 acima: **"Se alguém vir o seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, ore, e Deus dará vida ao que pecou"**.

É óbvio que João já havia discutido esse assunto com os seus destinatários, senão ele teria sido muito mais detalhado ao falar do mesmo. Assim sendo, essa referência sucinta estava totalmente clara para eles, mas já em relação aos pais da Igreja e de todos aqueles que fizeram uso deste texto posteriormente, isso não é verdade. O que é, portanto, um pecado que leva à morte? Em que ele difere de um que não leva?

Novamente os principais comentaristas se limitam aqui a algumas possibilidades, sem, contudo, "baterem o martelo". Vejamos:

a) Pecados capitais e pecados veniais

No Velho Testamento encontramos uma distinção entre pecados por ignorância (não necessariamente sem intenção, mas certamente pela incapacidade de resistir à tentação) e pecados "de mão levantada" ou por rebeldia. *Levítico 20* apresenta uma lista de pecados pelos quais os filhos de Israel deveriam ser mortos. Stott nos informa que Clemente de Alexandria e Orígenes distinguiam entre pecados perdoáveis e não perdoáveis, sem, contudo, especificá-los, ao

passo que Tertuliano teria ido mais longe classificando como não perdoáveis o homicídio, o adultério, a blasfêmia e a idolatria.

Esta idéia evoluiu dentro da Igreja Católica Romana e várias pessoas os listaram. Tomás de Aquino, por exemplo, os listou como: vaidade, inveja, ira, lascívia, avareza, gula e luxúria - wikipedia), mas, com o passar do tempo, a maioria deles sequer são considerados pecados. O moderno "Catecismo da Igreja Católica" (Edições Loyola, 2006) não mais os lista, limitando-se a dizer que se trata de "pecados que clamam ao céu", com alguns exemplos como: o sangue de Abel, o pecado dos sodomitas, o clamor do povo no Egito, a queixa do estrangeiro, da viúva e do órfão e a injustiça contra o assalariado. Não há, contudo, qualquer base neotestamentária para uma lista de pecados que sejam mais graves que outros. Pelo contrário, Tiago nos fala claramente em pecado como quebra da lei em *Tiago 2.11*. Assim sendo, é pouco provável que o "pecado para a morte" seja um de uma lista de pecados capitais que João tenha preparado anteriormente para os destinatários de sua carta e à qual ele estaria agora fazendo referência.

b) Pecado contra o Espírito Santo

A definição de pecado contra o Espírito Santo vem do discurso de Jesus, que é listado em *Mateus 12.22-32*, *Marcos 3.20-30* e *Lucas 11.14-23* (embora este último não o mencione especificamente). Os versículos mais claros seriam *Marcos 3.29-30*: "**Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: é culpado de pecado eterno**". Jesus falou isso porque eles estavam dizendo: "**Ele está com um espírito imundo**".

Com base nesses eventos e nos textos de *Mateus* e *Marcos*, definiu-se que há um pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, para o qual não há perdão, e que consiste em dizer que as obras de Jesus são de origem satânica.

Assim sendo, todos os judeus que atribuíram as obras de Jesus ao Diabo automaticamente se tornaram réus do inferno. Isso significa que qualquer pessoa que fizesse isso, mesmo por zelo pela Lei de Moisés, nunca seria convencido de seu erro e jamais poderia vir a crer em Cristo.

O primeiro argumento contra essa definição, e talvez o mais contundente na Bíblia, é a figura de Saulo. Quando ele foi preso em Jerusalém e levado para Cesareia devido à fúria dos judeus, que queriam matá-lo, ele teve a oportunidade de testemunhar para o rei Agripa, onde pronunciou as seguintes palavras: "**Eu também estava convencido de que deveria fazer todo o possível para me opor ao nome de Jesus, o Nazareno. E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos sacerdotes lancei muitos santos na prisão, e quando eles eram condenados à morte eu dava o meu voto contra eles. Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los, e tentava forçá-los a blasfemar. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los**" (*Atos 26.9-11*).

Esses versículos são muito interessantes porque não era possível ele ter tentado fazer com que os outros blasfemassem sem que ele mesmo o tenha feito, para

que repetissem. Assim sendo, pela definição acima, Paulo se tornou réu do inferno e o Cântico de Vitória de *II Timóteo 4.7-8* seria uma mentira.

Obviamente o pecado existe, porque Jesus disse que existia, mas a interpretação dada ao mesmo está incorreta. Não há dúvida de que seja um dos pecados que mais "apavora" os crentes que não têm certeza de salvação, porque vivem sob o pavor de terem dito alguma coisa com a qual o Espírito tenha Se sentido ofendido, pelo que teriam queimado a sua oportunidade de chegar ao céu. Se João quis falar sobre certeza de salvação e lançasse um versículo sobre a impossibilidade de salvação estaria, no mínimo, sendo incoerente.

Uma possibilidade, bem mais plausível, defendida por mim e por muitos crentes, reside no fato de não se poder perdoar o pecador que resiste ao Espírito Santo. É, no mínimo, curioso que esta seja a interpretação que achei também no mesmo Catecismo da Igreja Católica, citado acima. Com referência à "blasfêmia contra o Espírito Santo" o referido texto cita *Mateus 12.31* e dá a seguinte explicação:

"A misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus pelo arrependimento rejeita o perdão de seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo. Semelhante endurecimento pode levar à impenitência final e à perdição eterna". Segue que a interpretação de que o pecado contra o Espírito Santo seja simplesmente atribuir a Jesus uma obra satânica não pode estar correta e a referência aqui não pode ser a isso.

É interessante que mesmo que fosse correta a referência aqui não poderia ser a esse pecado, pois ele impede a pessoa de se converter e o texto fala de um pecado cometido por um "irmão".

Stott, que surpreendentemente dá ao pecado contra o Espírito Santo esse interpretação equivocada e defende aqui que a referência de João seja a esse pecado, atentou para esse fato e nega que o texto faculte a possibilidade do irmão cometer um "pecado que é para a morte". Isso, contudo, atentaria contra a lógica do texto. João estimula a oração pelo irmão que não cometeu tal pecado. A lógica impõe que seja possível que o irmão o faça e que, neste caso, não adiantaria mais orar por ele.

c) A apostasia

O pecado da apostasia só pode ser cometido por um crente, motivo pelo qual Stott o descartou, dizendo que um crente não pode perder a salvação, mas João aqui parece não concordar com ele. A apostasia é apresentada claramente em *Hebreus 6.4-6*, onde o autor cita um crente que participou dos dons do Espírito Santo e que resolveu voltar à sinagoga para declarar que Jesus é anátema (maldito ou satânico) para poder voltar a ser aceito na comunidade judaica do templo. Não se trata, portanto, de um pecado de um não crente que não possa ser perdoado e, sim, de um crente que abre mão, voluntariamente, de sua salvação para poder auferir um benefício aqui na Terra. Com relação a essa pessoa o autor de *Hebreus* declara que se trata de um caminho sem volta, porque Jesus morreu apenas uma vez e que tal pessoa já teria feito uso desse sacrifício uma vez, pelo que o perdão de Jesus não estaria mais disponível para

ele. É exatamente por isso que João diz que orar por tal pessoa não vai adiantar nada, porque não há mais perdão disponível para ela. Todo o livro de *Hebreus* é escrito para que as pessoas não caiam nessa armadilha. É inacreditável que alguém possa crer que a apostasia bíblica não seja possível.

No versículo 17 João insiste em dizer que toda injustiça é pecado aos olhos de Deus, mas que há pecados que não levam à morte enquanto há outro, a apostasia, que é um caminho sem volta.

Os versículos 18 a 21 contêm 3 afirmações e uma exortação que estão totalmente ligadas ao conteúdo da carta como um todo.

A primeira afirmação do versículo 18 nos dá 3 sub-afirmações distintas referentes a coisas que sabemos:

a) Aquele que é nascido de Deus não vive em pecado

Esse assunto já foi discutido antes, mas apenas como resumo podemos afirmar que como "porcos" convivíamos prazerosamente na lama do pecado até o dia em que fomos transportados, pelo Espírito Santo, para o Reino de Jesus, nosso irmão mais velho. Se continuássemos com a mesma natureza, continuaríamos a ter prazer na lama, para onde voltaríamos sem muita dificuldade. Ocorre, contudo, que ao sermos regenerados, ganhamos um espírito novo, que não tem mais qualquer afinidade com a lama do pecado. Além disso, os nossos anseios (os desejos do nosso coração) mudaram e voltar para a lama não nos dá mais prazer.

Infelizmente a nossa mente continuou tão "suja" quanto era e os desejos associados aos hábitos do nosso corpo continuaram tão pervertidos quanto eram. Esses precisam ser "domados" (vejam *Romanos 8.6* e *Romanos 12.1-2*).

Enquanto isso não ocorre, ou lamentavelmente mesmo depois disso, podemos escorregar e voltar a cair na lama, mas não vamos mais conseguir permanecer ali, porque nossa nova natureza não mais a tolera. É por isso que João diz que aquele que já nasceu de Deus pode até pecar, mas não consegue viver mais na lama do pecado.

b) Aquele que nasceu de Deus, Ele o protege

Essa frase não está muito clara no tocante a quem é "aquele". João parece estar afirmando que Aquele, que é o Primogênito dentre muitos irmãos, cuida do restante desses irmãos.

As últimas palavras de Jesus no livro de *Mateus*, ao finalizar as palavras conhecidas como Sua grande comissão, foram: **"eis que estarei sempre com vocês até o fim dos tempos"**. Para que? Muito simples: para cuidar de nós. Em função disso:

c) O Maligno não nos atinge (o maligno não nos toca)

Exatamente porque o nosso irmão mais velho está conosco é que podemos ter certeza de que as astutas ciladas de Satanás não servirão de tropeço para os

nossos pés. Este é também o sentido das palavras da "oração modelo" ensinada por Jesus e que conhecemos como "Pai Nosso". Nela pedimos ao Pai que afaste de nós todas as tentações e que nos livre do mal ou do maligno. Aleluia! Nós sabemos isso e permanecemos firmes nas promessas que nos foram feitas!

O versículo 19 nos apresenta uma afirmação maravilhosa de que todos nós, os nascidos de Deus, pertencemos a Ele. Em aterrador contraste, todavia, João nos diz que todos os demais, ou seja, o mundo inteiro, jaz no maligno. O Diabo não pode sequer tocar em nós porque Jesus tem cuidado de nós, mas o mundo inteiro, ou seja, todos os que não pertencem a Deus, pertencem a Satanás e vivem em seus braços (jazem em seus braços). É exatamente esse o motivo da não-conformidade dos dois. É por isso que o mundo não pode nos entender. É por isso que o mundo nos odeia.

O versículo 20 nos apresenta a última das 3 afirmações, contendo ela mesma, também, três sub-afirmações:

a) **Sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro.**

Jesus Cristo, o Filho Eterno do Pai, veio. Ele é o Emanuel, o Deus conosco, que doutra sorte jamais poderíamos conhecer. Mas porque Ele veio em carne e habitou entre nós, também nos deu o entendimento necessário para que pudessemos conhecer o Pai, ou seja, Aquele que é o Verdadeiro. Neste versículo, portanto, o Pai é claramente identificado como "o Verdadeiro".

Vocês podem imaginar a decepção de Jesus quando Filipe se virou para Ele e disse: **"tudo que nós queremos é que o Senhor nos mostre o Pai"**. Totalmente exasperado, Jesus respondeu a ele: "Caramba", Filipe! Você não entendeu nada. Mesmo andando para cima e para baixo Comigo por três anos você não conseguiu Me conhecer? Você não entendeu que Eu e o Pai somos um e que quem vê a Mim vê o Pai? Você não entendeu que todos esses milagres que estou fazendo, estão sendo feitos pelo Pai? (*João 14.8-10*).

b) E nós estamos nAquele que é o Verdadeiro, em Seu Filho Jesus Cristo.

Olhem que coisa maravilhosa! João está afirmando que nós estamos em Deus (o Verdadeiro), mas ele aí usa uma figura de paralelismo para indicar que estamos também em Seu Filho Jesus, o Messias, indicando assim que o Filho é um com o Pai. Por outro lado, esse versículo já indica que "o Verdadeiro" se aplica tanto ao Pai como ao Filho.

c) Este é o Verdadeiro Deus e a Vida Eterna

Para não deixar qualquer dúvida, contudo, João agora ressalta aquilo que já indicara na sub-afirmação anterior através de um paralelismo: Jesus é o Único e Verdadeiro Deus. Ele é a Vida Eterna. Mas, e o Pai? Ora, esse versículo só enfatiza que Deus Pai e Deus Filho, são juntos o Único e Verdadeiro Deus.

Sempre que sou abordado por um Testemunha de Jeová, procuro fazer uso de *João 5*. Minha experiência, ganha depois de ser abordado várias vezes por eles,

é que conhecem bem o erro que foi introduzido em manuscritos anteriores aos melhores textos achados em Qumran. Por isso, quando falam que não há Trindade na Bíblia e que Jesus não é Deus, faço referência ao capítulo em apreço. Noto imediatamente o sorriso em seus rostos, imaginando que vou me referir aos versículos 7 e 8, que eles sabem bem "desmascarar". Ficam, contudo, totalmente desorientados, quando mostro a eles (de preferência na Bíblia deles) que Jesus é o Único e Verdadeiro Deus no versículo 20.

Encerrando o capítulo e a carta como um todo, João faz uma advertência final no versículo 21: "**Filhinhos, guardem-se dos ídolos**".

Se amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro, não é possível termos outros deuses diante dEle. Não podemos idolatrar outros deuses. Não podemos permitir que nossa escala de valores seja corrompida priorizando as coisas do mundo. A idolatria não é necessariamente uma estátua diante da qual nos curvamos. Um simples erro na nossa escala de prioridades é suficiente para fazer de nós pessoas idólatras. Que nos guardemos portanto!

II João 1

Versículos 1 a 13

1O presbítero à senhora eleita e aos seus filhos, a quem amo na verdade - e não apenas eu os amo, mas também todos os que conhecem a verdade -,

2por causa da verdade que permanece em nós e estará conosco para sempre.

3A graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, seu Filho, estarão conosco em verdade e em amor.

4Ao encontrar alguns dos seus filhos, muito me alegrei, pois eles estão andando na verdade, conforme o mandamento que recebemos do Pai.

5E agora eu lhe peço, senhora - não como se estivesse escrevendo um mandamento novo, mas o que já tínhamos desde o princípio - que amemos uns aos outros.

6E este é o amor: que andemos em obediência aos seus mandamentos. Como vocês já têm ouvido desde o princípio, o mandamento é este: Que vocês andem em amor.

7De fato, muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo. Tal é o enganador e o anticristo.

8Tenham cuidado, para que vocês não destruam o fruto do nosso trabalho, antes sejam recompensados plenamente.

9Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho.

10Se alguém chegar a vocês e não trouxer esse ensino, não o recebam em casa nem o saúdem.

11Pois quem o saúda torna-se participante das suas obras malignas.

12Tenho muito que escrever a vocês, mas não é meu propósito fazê-lo com papel e tinta. Em vez disso, espero visitá-los e falar com vocês face a face, para que a nossa alegria seja completa.

13Os filhos da sua irmã eleita enviam saudações.

Mais uma vez, a exemplo do que já ocorreu em *I João*, o autor deixa de se identificar, como era comum na maioria das cartas do gênero, pelo que a identificação de João como provável autor, tanto da segunda como da terceira carta que levam o seu nome, se dá, basicamente, em função da identificação de palavras características usadas por ele na primeira carta.

As evidências externas (citações do texto feitas por terceiros), que ajudaram a reconhecer o autor da primeira carta, praticamente deixam de existir na segunda e terceira.

Já as evidências internas da primeira carta (citações do próprio texto) sugerem que João seja o autor, pelo fato deste ser uma testemunha ocular da vida terrena de Jesus, enquanto nestas outras duas cartas, o autor se limita a identificar-se como "o presbítero". Mesmo assim, a autoria de ambas foi atribuída a João principalmente pela semelhança de algumas palavras e de igual forma do tema.

Não obstante as incertezas supracitadas, a autoria de João não é questionada pela maioria dos comentaristas e tampouco o será aqui.

A carta de *II João* parece ter sido motivada pelas visitas frequentes de mestres itinerantes, que nem sempre eram tão bem intencionados quanto se esperava. Tratava-se, por vezes, de falsos mestres que eram recebidos nos lares dos membros da Igreja, antes que suas intenções malévolas fossem identificadas. Assim sendo, João estaria alertando para os cuidados que deveriam ser tomados.

A incerteza de suas datas é similar à da primeira carta, mas parece razoável supor, também, que se tratasse de instruções de João para igrejas de seu campo missionário centrado em Éfeso, pelo que seriam datadas por volta do ano 85a.D., ou mesmo posteriormente.

A carta de *II João* é destinada a uma "senhora eleita" e seus filhos, que tanto pode ser uma pessoa de verdade, como pode ser uma forma de se dirigir à "Igreja dos eleitos". A estes, pelos quais o apóstolo diz nutrir amor sincero, ele alerta para que estejam atentos aos falsos mestres, que eles têm hospedado, no sentido de que os coloquem primeiro à prova, tendo em vista o perigo de tê-los pregando para pessoas que ainda não conseguem distinguir o certo do errado. Para o caso de não serem aprovados, ele sugere que não sejam recebidos e nem mesmo saudados.

A introdução de uma carta normalmente traz o nome de quem a escreve e o nome do destinatário. Essa carta pode ser considerada normal porque começa exatamente assim, mas a enorme dificuldade de identificar tanto um como o outro tem levado a grandes discussões entre os comentaristas.

O autor começa se identificando, não pelo seu nome e, sim, por um título que permitiu, sem dúvida, que os leitores de sua carta o reconhecessem imediatamente: o presbítero, ou o ancião. Trata-se, portanto, de uma pessoa que era reconhecida pela experiência e pelo respeito que haviam sido adquiridos ao longo de muitos anos. Sem maiores discussões, acompanhando a vasta maioria

dos comentaristas bíblicos ao longo da história do Cristianismo, reconheçamos este ancião como sendo o próprio João. Parte do texto a ser estudado adiante ajuda a corroborar esta escolha do autor.

Já os destinatários da carta, ainda no versículo 1, são mencionados como a "senhora eleita e os seus filhos". Desta vez, contudo, não há uma unanimidade prática entre os comentaristas. Só para ilustrar são feitas a seguir citações de John Stott /66/ e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto /42/, respectivamente:

Stott: "É mais provável, porém, que a frase signifique uma personificação, e não uma pessoa - não da Igreja em geral, mas de uma igreja local sobre a qual a jurisdição do presbítero era reconhecida, sendo seus filhos os membros individuais da igreja".

Carlos Osvaldo: "A destinatária é chamada de *senhora eleita*, o que tem levado comentaristas a identificá-la com a Igreja universal ou com uma congregação local. A analogia com *III João*, que é uma carta pessoal, a falta de sentido para o versículo 13 (que cita a irmã da senhora eleita e também os seus filhos) caso a carta fosse destinada à Igreja universal, e a quebra da analogia pelo fato da senhora e seus filhos serem ambos obrigados a representar a igreja e seus membros, todos se combinam para favorecer a interpretação individual, e não coletiva, para a destinatária. Ela teria sido uma cristã não identificada, cujos filhos o apóstolo conhecia e pelos quais se alegrava".

Não obstante o meu apreço pessoal pelo Carlos Osvaldo (convivemos por muitos anos e sempre fomos próximos), creio que a "falta de sentido do versículo 13" seja aplicável apenas à Igreja universal e não à comunidade local. Aliás, é muito comum, em nossos dias, as pessoas se referirem a uma igreja co-irmã, como sendo uma comunidade local de mesma fé e ordem (cristã de mesma denominação). Além disso, tenho visto a utilização deste termo feita, também, para comunidades de outras denominações evangélicas.

Assim sendo, me parece bastante razoável que João se dirija aqui a uma ou mais das igrejas locais de seu campo missionário (Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Loadicéia - ver figura abaixo), transmitindo no versículo 13 as saudações da igreja de Éfeso, onde ele morava.

Desta forma não se trata de uma carta de amor do apóstolo para uma senhora não revelada, e por cujos filhos tinha grande apreço e, sim, a uma, algumas ou todas essas seis igrejas citadas acima e que tem beneficiado milhares de igrejas desde então.

É exatamente por isso que o apóstolo complementa sua identificação dos destinatários dizendo que os ama verdadeiramente, mas não apenas ele, mas juntamente todos aqueles que conhecem a verdade, qual seja, o Evangelho de nosso Senhor e o próprio Senhor Jesus Cristo.

Neste ponto João se identifica, na prática, com tudo que ele havia dito em sua primeira carta. Um exemplo disso é dado em *I João 4.12*: "**Ninguém jamais viu a**

Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor está aperfeiçoado em nós".

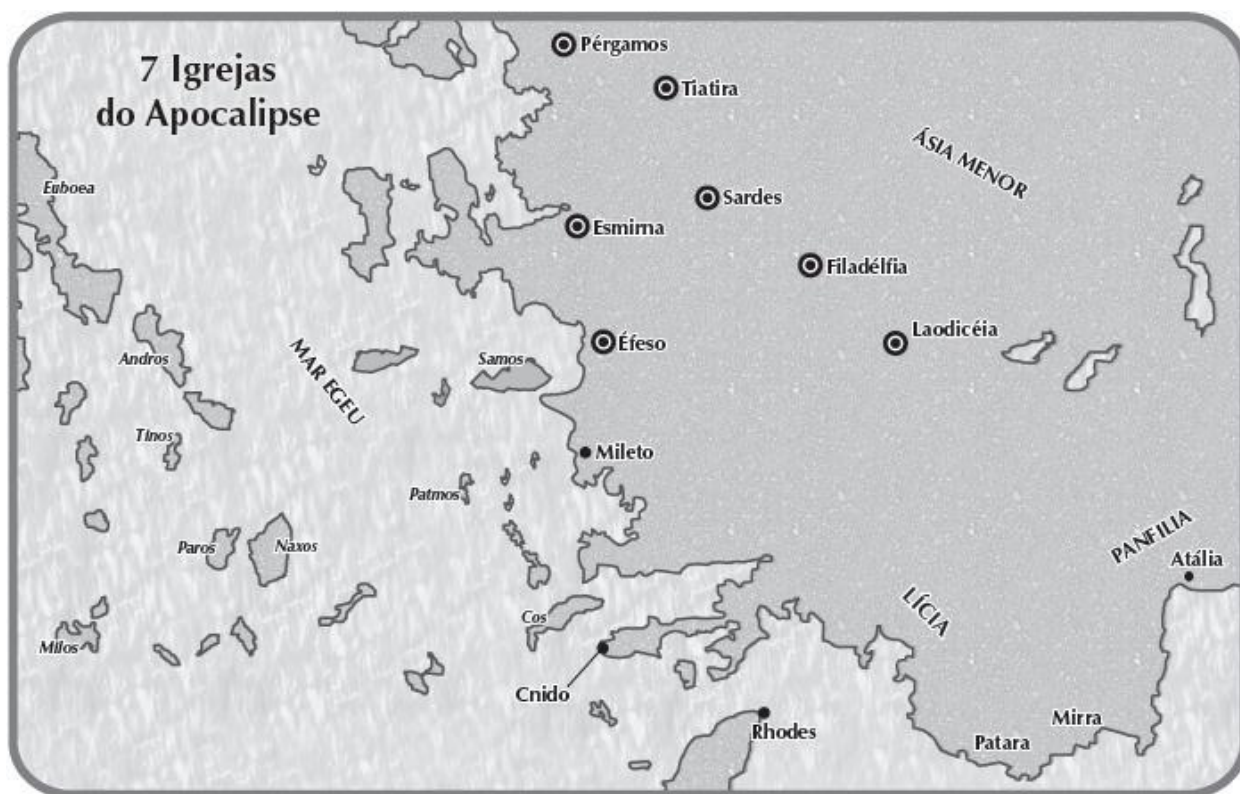


Figura 2 - Mapa com o campo missionário de João (entorno de Éfeso)

Fechando a sua saudação inicial, João impetra uma bênção para os seus destinatários fiéis, qual seja: "A graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, Seu Filho, estão conosco em verdade e em amor".

A exemplo do que faz Paulo, também, em várias de suas cartas, João apresenta uma bênção condicional associada, ainda, aos seus ensinamentos da primeira carta. A graça e a misericórdia oriundas de Deus Pai, através do sacrifício de Jesus Cristo, Seu Filho, e que permitiram que tenhamos paz com Ele (outra forma de dizer salvação) estão conosco, ou seja, aqueles que permanecemos em Cristo, com uma vida na verdade (em oposição a Deus) e onde mostramos o nosso amor pelos demais filhos do Pai.

É através dessa chamada à necessidade de andarmos na verdade, que João faz a sua transição dos filhos que permanecem em Jesus para aqueles que se corromperam em relação à verdade (*João 2.19 - Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos*).

No versículo 4 João inicia o corpo de sua mensagem, propriamente dita, mas, ainda assim, ele o faz principiando por uma rápida recordação de sua carta anterior (*IJoão*).

Podemos imaginar que alguns membros da igreja, à qual ele está se dirigindo, tenham feito a ele uma visita em Éfeso e que ele se alegrara muito pelo crescimento espiritual deles. Ele expressa isso atestando que "eles estavam andando na verdade, conforme o mandamento que recebemos do Pai".

Parece lícito supor que também terão vindo desses irmãos as informações que servem de base para as admoestações que ocupam a pena de João a partir do versículo 7, mas antes de entrar nesse assunto João não consegue se furtar de falar um pouco sobre o seu tema predileto, qual seja, o amor entre irmãos. Todos nós temos um tema bíblico que muito nos motiva e o de João, sem dúvida, era o amor.

Quero crer que o versículo 5 seja o que mais fortemente indica a autoria joanina dessa carta. Esse mandamento que ele ora chama de novo (*IJoão 2.8*) e ora de antigo (*IJoão 2.7*) é justamente o que ele não cansa de repetir, ou seja, "que nos amemos uns aos outros".

Quando ele fala de vivermos em obediência aos mandamentos de Deus, João parece se esquecer de todos os outros e se lembra apenas deste, qual seja, "que andemos em amor".

Claro que João se lembrava das palavras de Jesus respondendo ao fariseu perito na Lei, que indagara sobre o maior mandamento do decálogo (*Mateus 22.37-40*): "Ame o Senhor o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ame o seu próximo como a si mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas".

Não há dúvida, portanto, que "andar em amor" significava para João essas duas coisas. Andar em amor englobava, ainda, andar na verdade, porque aquele que tem os Seus mandamentos e os guarda, esse é o que ama a Deus.

Tendo dito isso, João está agora pronto para o discurso duro que abrange os versículos 7 a 11, onde vai falar daqueles que não pertencem ao nosso meio, mas que se infiltram no mesmo com intenções malévolas e que devem ser tratados conforme a sua falta de verdade, mostrando claramente que não amam e nem fazem jus ao amor que por eles se mostra.

"De fato muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo".

Aqui no versículo 7 João resume exatamente o que já havia dito em *IJoão 4.1-3*. Ali ele colocara isso como um teste que deveria ser aplicado para reconhecer o espírito que estava por trás daquele que pregava, ou seja, se vinha inspirado pelo Espírito Santo ou pelo espírito do Anticristo.

É claro que sabemos o quanto Satanás é sagaz e que ele faz as coisas de modo dissimulado, pregando mentiras que muito se parecem com a verdade, de modo a se passarem por verdade. Enquanto os apóstolos eram os pregadores itinerantes, comissionados por Jesus, que saíram pelo mundo para levar o Seu Evangelho, é perturbador que Satanás comissione pessoas com a finalidade específica de deturpar essa mensagem, para que fique infrutífera. Infelizmente ele o faz!

O versículo 8 vem com uma construção difícil, pelo que varia bastante de tradução para tradução. Na NVI temos o seguinte texto: "**Tenham cuidado para que vocês não destruam o fruto do nosso trabalho, antes sejam recompensados plenamente**".

Alguns comentaristas sugerem que a preocupação de João aqui é o galardão a ser recebido pelos trabalhadores, ou a liderança, da igreja destinatária, mas é pouco provável que o apóstolo escrevesse uma carta se fosse apenas essa a sua preocupação.

O trabalho de Satanás na parábola do semeador é sempre no sentido de impedir que a semente germine. Ele tenta inicialmente roubá-la, mas, se isso não for possível, ele a sufoca.

Claro que o maior prazer de um pai é ver os seus filhos crescendo de forma saudável. João mesmo em *III João 4* diz que "**não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade**".

Assim sendo, João queria, por todos os meios, instigar os líderes da igreja destinatária, a não permitirem que tais pregadores, de origem satânica, tivessem a oportunidade de pregar aos membros ainda fracos na fé.

Desta forma, a recompensa em apreço não é a que será atribuída no descanso eterno e, sim, o prazer de ver que nenhum dos seus filhos na fé se tenha desviado por ouvir uma mensagem deturpada.

No versículo 9 João, então, passa a ser bem específico em relação ao problema que tem ocorrido em algumas das igrejas locais. Ele se refere aqui a pregadores que têm "extrapolado" a mensagem de Cristo, dizendo que estes não têm Deus, à medida em que aqueles que não procedem desta forma, ou seja, aqueles que limitam suas pregações à verdade do Evangelho, que estes têm tanto o Pai como o Filho.

Stott sugere que João esteja sendo sarcástico ao falar de pregadores que extrapolavam a mensagem, pois era exatamente essa a promessa que eles faziam aos seus ouvintes, qual seja, dar maior visão ou estender o conhecimento do Evangelho (/66/, pág. 183).

Nos versículos 10 e 11 João é extremamente rígido em relação à forma com que tais pregadores devam ser tratados. Ao invés da tradicional hospitalidade que as pessoas da igreja tinham em relação aos mensageiros itinerantes, ele sugere que não sejam recebidos e nem sequer saudados.

É, no mínimo, curioso que o "apóstolo do amor", que normalmente é tão pró-hospitalidade, de repente sugira tamanho rigor. O versículo 11, contudo, nos informa que quem o saúda (talvez possamos modernizar isso dizendo que quem a ele "dá papo") se torna participante de suas obras malignas.

Embora talvez ainda estejamos um pouco preocupados com essa excessiva rigidez em relação a tais pessoas, não podemos deixar de lembrar a recomendação de Tiago no sentido de resistirmos ao Diabo para que este, por sua vez, fuja de nós (*Tiago 4.7*). É exatamente essa a intenção de João, qual seja, colocar o inimigo em fuga para que sua obra não seja frutífera no meio dos filhos da senhora eleita.

João encerra a sua carta dizendo que há ainda outras coisas que ele gostaria de dizer a esses mesmos irmãos, mas que preferia deixar para comunicar a eles pessoalmente, quando pudesse estar presente. Embora não o diga, fica implícito nas entrelinhas, que o assunto tratado era urgente demais para esperar a próxima visita.

Suas últimas palavras são a saudação da irmã eleita já mencionada acima.

III João 1

Versículos 1 a 15

1O presbítero ao amado Gaio, a quem amo na verdade.

2Amado, oro para que você tenha boa saúde e tudo corra bem, assim como vai bem a sua alma.

3Muito me alegrei ao receber a visita de alguns irmãos que falaram a respeito da sua fidelidade, de como você continua andando na verdade.

4Não tenho alegria maior do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade.

5Amado, você é fiel no que está fazendo pelos irmãos, apesar de não os conhecer.

6Eles falaram à igreja a respeito desse seu amor. Você fará bem se os encaminhar em sua viagem de modo agradável a Deus,

7pois foi por causa do Nome que eles saíram, sem receber ajuda alguma dos gentios.

8É, pois, nosso dever receber com hospitalidade irmãos como esses, para que nos tornemos cooperadores em favor da verdade.

9Escrevi à igreja, mas Diótrefes, que gosta muito de ser o mais importante entre eles, não nos recebe.

10Portanto, se eu for, chamarei a atenção dele para o que está fazendo com suas palavras maldosas contra nós. Não satisfeito com isso, ele se recusa a receber os irmãos, impede os que desejam recebê-los e os expulsa da igreja.

11Amado, não imite o que é mau, mas sim o que é bom. Aquele que faz o bem é de Deus; aquele que faz o mal não viu a Deus.

12Quanto a Demétrio, todos falam bem dele, e a própria verdade testemunha a seu favor. Nós também testemunhamos, e você sabe que o nosso testemunho é verdadeiro.

13Tenho muito que escrever, mas não desejo fazê-lo com pena e tinta.

14Espero vê-lo em breve, e então conversaremos face a face.

15A paz seja com você. Os amigos daqui enviam saudações. Saúde os amigos daí, um por um.

A carta de *III João* trata de um problema causado por um líder específico de nome Diótrefes, cuja soberba e sede de liderança faziam com que desprezasse e impedisse o ministério de outros colegas. Infelizmente, trata-se de um problema que todos já vivenciamos em nossas igrejas de hoje.

É dirigida a um certo Gaio, que não conseguimos relacionar com outros Gaios citados no Novo Testamento, mas que era um exemplo de amor e hospitalidade para com os irmãos do ministério de João que visitavam a igreja. Sua atitude genuinamente cristã contrastava com a de Diótrefes, que por inveja e soberba procurava evitar que ali tivessem qualquer oportunidade. João anima Gaio a manter sua presente atitude, prometendo lidar com Diótrefes em ocasião oportuna.

O grande apreço de João por seu filho na fé, Gaio, fica bem clara, tanto no primeiro como no segundo versículos. Ele não apenas o ama de verdade, mas deseja, sinceramente, que tudo lhe vá bem em todos os aspectos, da mesma forma como vai bem a sua vida cristã. Isso foi atestado pela visita que recebera de alguns irmãos, que falaram a respeito de seu excelente testemunho cristão (versículo 3).

Neste ponto João faz um intervalo para dizer o quanto lhe traz alegria ver que os seus filhos na fé estão andando em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo (versículo 4).

No versículo 5 ficamos sabendo que esses irmãos, que tinham estado com Gaio em sua igreja, e que foram por ele tão bem acolhidos, não eram conhecidos dele, mas, sim, uma forma de missionários. Quando chegaram à igreja de Éfeso, onde João se encontrava, eles deram testemunho de seu amor (versículo 6). Por isso mesmo, e talvez para que Diótrefes, que será mencionado no versículo 9, não o convencesse a deixar de fazê-lo, João o estimula, na segunda parte deste mesmo versículo, a continuar a encaminhar os irmãos da forma como havia feito. Fica implícito que ele não apenas os hospedara em sua casa, mas que provavelmente os havia suprido em suas finanças, para que pudessem seguir viagem. Aliás, João deixa claro, no versículo 7, que esses missionários nada tinham recebido dos gentios (talvez parentes não crentes) quando partiram, justamente por causa do Nome de Jesus, mas que é dever nosso (dos crentes) receber com hospitalidade tais irmãos, porque nós somos cooperadores do mesmo Reino ao qual eles estavam servindo.

Os versículos 9 e 10, falam a Gaio a respeito do comportamento ruim de uma pessoa chamada Diótrefes (um nome raro, que aparentemente significa criado por Zeus). Tudo indica que Gaio e Diótrefes eram membros da mesma igreja local e que ambos tinham cargos de liderança na mesma. Talvez, inclusive, fossem pastores. Seja como for, fica implícito, no versículo 9, que Diótrefes tinha um sério problema com a “intromissão” de João em “seu ministério”. Esse texto

nos dá a entender que ele não respeitava a autoridade apostólica de João, pois se julgava socialmente mais importante que ele (talvez fosse um convertido da alta sociedade local).

Quando João diz que Diótrefes não o recebe, aparentemente está fazendo menção a alguma carta ou mensagem que mandara através de irmãos mencionados no versículo 10 e que ele se recusara a receber na igreja, chegando mesmo a expulsá-los do recinto de culto, impedindo, ainda, que outros membros exerçam hospitalidade para com eles (isso faria de Gaio também um desafeto, por não acatar sua recomendação).

Como se tudo isso não bastasse, João deixa claro que Diótrefes também o difamava diante da igreja, motivo pelo qual ele teria que lidar com isso durante a sua próxima visita, quando chamaria a sua atenção.

No versículo 11, João não apenas recomenda a Gaio que evite o mau exemplo de Diótrefes, mas chega a dizer que o seu comportamento é típico de alguém que não conhece a Deus.

Por outro lado, João aproveita a carta a Gaio para elogiar o comportamento de outro irmão de nome Demétrio. João mesmo já o conhecia e recentemente também ouvira falar bem dele, pelo que lhe agradava muito poder dar esse testemunho a seu respeito (versículo 12).

Nos versículos 13 e 14, João menciona que tem ainda muito para dizer a Gaio, mas que não queria se estender na carta, preferindo antes visitá-lo e dizer tudo face a face. Assim ele encerra a sua carta desejando que a paz estivesse com Gaio e mandando saudações.